

# ILUSTRAÇÃO

N.º 222 — 10.º ano



INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA  
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM  
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS  
**O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA**

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

**Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta**

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

## MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária  
Indispensável a tôda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

**À VENDA**3.<sup>a</sup> EDIÇÃO, AMPLIADA**ALTA RODA**

POR

**JULIO DANTAS**

## TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A última viagem — Três gerações — O homem do cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 352 págs., enc. . . . . 17\$00

broch. . . . . 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**A VENDA**

NOVIDADE LITERÁRIA

**MIRADOURO**

TIPOS E CASOS

POR

**ANTERO DE FIGUEIREDO**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barbosa de Sezins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . . . 12\$00

enc. . . . . 17\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**73, Rua Garrett, 75  
LISBOA**ILUSTRAÇÃO**

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular . . . . .	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) . . . . .	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português . . . . .	—	64\$50	129\$00
(Registada) . . . . .	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias . . . . .	—	64\$50	129\$00
(Registada) . . . . .	—	69\$00	138\$00
Brasil . . . . .	—	67\$00	134\$00
(Registada) . . . . .	—	91\$00	182\$00
Outros países . . . . .	—	75\$00	150\$00
(Registada) . . . . .	—	99\$00	198\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**

SALÕES DE ELETICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA  
POR PROCESSOS CIENTIFICOS

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA  
A. DA LIBERDADE 35 TELEF. 21866

Porquê?

Dôres de ouvidos . . . Nevralgias . . . São dôres insuportáveis. Mas V. Exa. tem um remedio facil, completamente inofensivo para o seu organismo, para se vêr livre d'elas: É a Cafiaspirina. Mande já comprar um tubo e em poucos minutos verá como as dôres desaparecem.

**Cafiaspirina** 

**O PRODUTO DE CONFIANÇA**

*A sair brevemente:*

## AS PUPILAS DO SENHOR REITOR (CRÓNICA DA ALDEIA)

Nova edição ilustrada com 32 heliogravuras representando os personagens que figuram no filme «As PUPILAS DO SENHOR REITOR» e uma carta prefácio de *Leitão de Barros*.

1 vol. de 332 págs., no formato de 26 x 18 1/2, esplendidamente impresso em bom papel, broc..... 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## OBRAS DE SAMUEL MAIA

<b>Sexo Forte</b> — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. ....	8\$00
<b>Braz Cadunha</b> — 1 vol. br. ....	6\$00
<b>Entre a vida e a morte</b> — 1 vol. enc. 12\$00; br. ....	7\$00
<b>Luz perpetua</b> — 1 vol. enc. 12\$00; br. ....	7\$00
<b>Lingua de Prata</b> — 1 vol. enc. 13\$00; br. ....	8\$00
<b>Mudança d'Ares</b> — 1 vol. br. ....	10\$00
<b>Por terras estranhas</b> — 1 vol. br. ....	4\$00
<b>Meu (O) menino</b> — (3.ª edição), 1 vol. enc. 17\$00; br. ....	12\$00
<b>Manual de Medicina Doméstica</b> , indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina.....	35\$00

À venda em todas as livrarias  
PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

## Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

<b>CÓMICOS</b> (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
<b>DOIDA DE AMOR</b> (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
<b>D. PEDRO E D. INES</b> (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
<b>D. SEBASTIÃO</b> — 464 págs., brochado.....	14\$00
<b>ESPAÑA</b> — Nova edição.....	no prelo
<b>JORNADAS EM PORTUGAL</b> — 404 págs., brochado.....	12\$00
<b>LEONOR TELES</b> (Romance) — 395 págs., brochado.....	12\$00
<b>O PADRE SENA FREITAS</b> (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
<b>RECORDAÇÕES E VIAGENS</b> — 328 págs., brochado.....	12\$00
<b>SENHORA DO AMPARO</b> — 292 págs., brochado.....	12\$00
<b>TOLEDO</b> (Impressões e evocações) — <i>Índice</i> : Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones", A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas" na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.....	10\$00
<b>O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS</b> — 375 págs., brochado.....	12\$00
<b>A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER</b> — (Conferência) Esgotado.	
<b>MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO</b> — (Discurso) Esgotado.	
<b>MIRADOURO</b> , Tipos e Casos — 320 págs. brochado.....	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Obras de AQUILINO RIBEIRO

<b>ANATOLE FRANCE</b> (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
<b>ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES</b> — 356 págs. brochado..	12\$00
<b>ESTRADA DE SANTIAGO</b> (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
<b>FILHAS DE BABILÓNIA</b> Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
<b>O HOMEM QUE MATOU O DIABO</b> (Romance) — 353 págs., broch. ....	12\$00
<b>JARDIM DAS TORMENTAS</b> (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado.....	12\$00
<b>TERRAS DO DEMO</b> (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
<b>VIA SINUOSA</b> (Romance) — 360 págs., brochado.....	12\$00
<b>A BATALHA SEM FIM</b> (Romance) — 308 págs., brochado...	12\$00
<b>AS TRES MULHERES DE SANSÃO</b> (Novelas) — 268 págs., brochado.....	10\$00
<b>MARIA BENIGNA</b> (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
<b>É A GUERRA</b> — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado.....	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Obras de ALEXANDRE HERCULANO

<b>O Bôbo</b> (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Eurico, o presbítero</b> , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
<b>O monge de Cister</b> , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado.....	20\$00
<b>Lendas e Narrativas</b> — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
<b>História de Portugal</b> (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
<b>Estudos sobre o casamento civil</b> — 284 páginas, brochado.....	10\$00
<b>História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal</b> — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
<b>Composições várias</b> — 374 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Poesias</b> — 224 páginas, brochado.....	10\$00
<b>Cartas</b> (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00
<b>Opúsculos</b> :	
Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado.....	10\$00
<b>Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem</b> , coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado.....	12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

À VENDA

**NOVO MANUAL  
DO  
ELECTRICISTA**

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTO

Engenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola Superior Técnica de Mittweida

Um volume de 450 páginas com 246 gravuras, encadernado em percalina . . . **Esc. 25\$00**



Pedidos à  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

OBRAS DO ILUSTRE PROFESSOR

**DR. EDUARDO COELHO**

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa** (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934)..... **5\$00**
- Trombose das coronarias e infarto do miocardio** (Estudo experimental e clínico)..... **30\$00**
- O Professor Ricardo Jorge** (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra) **15\$00**
- A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia** (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina)..... **7\$50**



Pedidos à  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

SAMUEL MAIA  
Médico dos hospitais de Lisboa

**O LIVRO DAS MÃES  
O MEU MENINO**

Como o hei-de gerar,  
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,  
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

**ACABA DE SAÍR**

A 5.<sup>a</sup> EDIÇÃO DE  
**Crónicas imorais**

POR

Albino Forjaz de Sampaio

1 vol. de 266 págs., brochado ..... **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**O JÓGO DA MODA**

**MAH-JONG**

Teoria, prática e regras do jôgo

**Esc. 3\$00**



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**  
encontram-se à venda na  
**MINERVA CENTRAL**  
Rua Consiglieri Pedroso — Caixa Postal 212  
LOURENÇO MARQUES

Acaba de ser posto à venda

JOÃO DE BARROS

# Pátria esquecida

NOTAS E ESQUEMAS

1 vol. de 212 págs., brochado . . . . 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo**

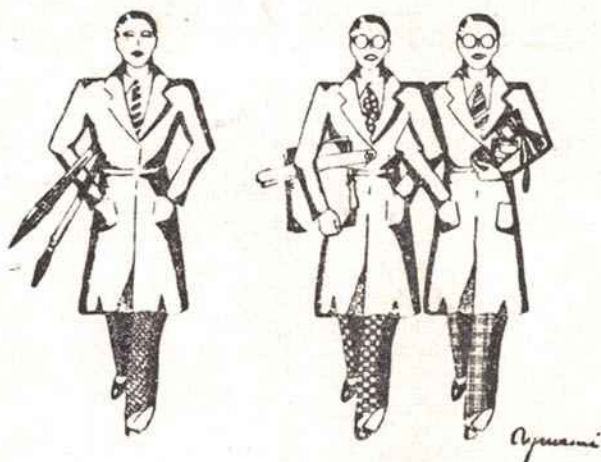
**Orçamentos Grátis**

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

# GRAVADORES

# IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**  
2 1308 **IRMÃOS, L<sup>DA</sup>**  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

# Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, **BANHOS CARBO-GASOSOS**, Duches,  
Irrigações, Pulverisações, etc. — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens.** — — — —

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

## PORQUE RAZÃO A MINHA PELE

### NÃO BRILHA NUNCA



Quer chova ou faça vento, pouco me importa. Eu sei que, graças à «Mousse de creme» que contém, o pó «Tokalon» conserva-se com qualquer tempo. A minha pele é gordurosa: no entanto, o pó «Tokalon» consegue aderir quatro vezes mais tempo que os pós ordinários. Resiste à transpiração e evita a formação dos poros dilatados.

Faça o que fizer, o pó «Tokalon» é o único pó de arroz que lhe dará, de dia ou à luz artificial, uma tez natural, de maravilhosa beleza, sem o menor vestígio de luzidio.

À venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à **Agencia Tokalon (Secção I. L.)** 88 Rua da Assunção — LISBOA que atende na volta do correio.

**M**AIS um Carnaval decorreu macabro, de braços caídos, bôças fechadas, passos moles; as ruas lembraram o recreatório dum convento. Muitos a ver, poucos a andar, ninguém a rir ou a foliar. Como em anos anteriores deram o nome de corso à passagem de viaturas que não se sabe se acompanhavam o enterro da alegria. Nem um gesto, alarido, ou sinal de contentamento expansivo. Nada. Daí dizer-se que o português é triste, uma alma negra sempre a chorar o fado, ou a gemer saudades.

Saudades de quê? De coisa nenhuma. Saudades a sêco ou saudades de saudades; houve quem chamasse saudosismo ao estado, por pejo de chamar-lhe pelo verdadeiro nome de parvoeira. Vamos.

O português não é mais nem menos triste que qualquer outro animal da sua espécie. É apenas mais pobre de imaginação. O que êle mostra quando passa o Carnaval, ou cortejos de festa significa sómente vazio de ideias, ausência de pensar; assiste como um boi à execução de uma sinfonia, ou à representação dum entremês. Esse animal também não ri, nem aplaude, nem manifesta sinais de alegria, sem que a sua atitude queira dizer tristesa.

Isto significa que o português precisa, entre outras escolas, uma em que aprenda a rir, a falar, a ter ideias como os outros homens brancos. Triste, não. O mais triste é não ser tristesa aquilo que se vê nos ajuntamentos.

Isso sim que causa dó.

Com documento à vista, de contas e estimativa feita, informou a voz ministerial que o bairro popular do Arco do Cego, nesta quinzena inaugurado, não vale um terço do que custou. Números redondos, sumiram-se na construção daquele rebanho de casas, pouco maiores que carneiros, uns bons cinqüenta mil contos. Foi uma soma de vulto, excepcional, decerto única, dada para aquele fim que desapareceu às fatias como queijo, dia a dia manducado. Olha-se agora para ela e sente-se um gelo no vasio, ao cogitar no que poderia ter-se conseguido, aplicada de outro modo, em extensão, quantitativo de utilidade e cómodos para o povo de Lisboa. Acabou-se. Foram cincoenta milhões de escudos queimados na fogueira que a embriaguez política ateou. Outros arderam na pólvora, não empregada em foguetes, mais outros a encher a gula de alpedrinhas que andavam com um pé na Rua dos Capelistas e outro no Terreiro do Paço.

Não se pensa mais nisso. O que se

## CRÓNICA DA QUINZENA

pretende agora é assegurar que êsse tempo não volte e daqui em diante as obras de interesse social, como pretendia ser a começada em 1919 e agora terminada, se promovam para servir a colectividade, não para facultar negócios pingues a grupos formados e não confessos.

Ninguém está acusando vendilhões do templo, porventura intrometidos na realização daquele bairro e outros. No caso restricto de que se trata, descobriremos de preferência um ímpeto romântico, ou estouvamento de rapazes que juntos em tertúlia decidiram realizar empreendimento daquele vulto, sem plano concebido em regra, sem ideia directriz, sem qualquer senso prático.

Resolveram edificar um bairro popular como quem resolve um passeio ao Guincho. Um tolinho propoz, outros aceitaram e logo se confiou a terceiro traçar o risco como entendesse. Saiu um estadal de moradias para burgueses afortunados, pouco sociáveis, ciosos de independência. Calhou assim, como podia ter calhado uma grande colmeia, limpa, ordenada, cómoda, que aproveitando a altura albergasse um milhar de famílias, mediante renda mínima. Com os cinqüenta milhões de escudos dispendidos talvez se conseguisse uma dessas máquinas de acomodar gente e civilizá-la no convívio bem estatuido, guardado sob vigilância. Não calhou.

Ao menos que o êrro do passado preste para lição futura e exemplo do que nunca mais deve repetir-se.

A paz, a obra ou edifício da paz que os constructores de Génova e outros estaleiros promoveram à humanidade, cresce dia a dia.

Os cubanos jogam entre si bombas e balas; mexicanos fazem outrotanto; paraguaios e bolivianos continuam disputando um campeonato renhido no Estádio do Chaco.

Nada disto é guerra.

Êstes incidentes contam-se como des-

portos nacionais ou internacionais com que se usa organizar espectáculos públicos.

Quem serão os empresários que escolhem os teams, lhes pagam e esperam um proveito não se sabe ao certo. Apenas se fala num tal Zaharoff fabricante de canhões, metralhadoras e outro material de jôgo, bem como numa III Internacional que se empenham em distrair do tédio em que cafu, a maior parte da humanidade. Talvez que uns e outros andem de permeio na organização destes circenses.

Consolador para as nossas almas cordadas, amigas do socêgo, há a registar a abundância de paz em que se vive à roda do glôbo. Uma paz como nunca se viu; talvez a melhor que os artífices de Génova sabem manipular pelo salário modesto que cobram de dez libras por dia.

Mais um que abandona o duro officio de reinar. O de Sião convencido de que os siameses não sabiam apreciar a sua abnegação, provada pelo sacrificio de viver entre êles, distante de Londres e Paris, resolveu castigá-los com a sua ausência. Deixou calças e sapatos de setim, os guarda-sois bordados, as cadeiras de marfim, os palanquins dourados decidido a trocá-los por meipples de cordovão, bengala de cana e chapéu de feltro mole como se usa em Montmartre e na Regent Street.

Ele lá sabe o que aprendeu na última viagem, decerto propícia a observar o tratamento oferecido aos evadidos dos tronos.

Terá notado aquela janela transbordante de felicidade, sempre aberta na cara adotada pelo antigo rei de Espanha, para estampar em revistas e jornais.

Percebeu que é muito agradável ter sido rei; sê-lo faz sua diferença. Aturar povos que pretendem andar bem comidos e bebidos, ter cómodos e regalos acarreta maus bocados, com perigos à mistura. E' que, por melhor vida que passe a gentiaga, às veses enfastiada com o excesso de felicidade, para se desentediada brinca aos tiros e dá-lhe para obrigar todos a entrar na festa, mesmo aos reis com a família.

Ora brincar, quando não se está disposto, aborrece mais que a tristesa. O rei de Sião descobriu na sua viagem que em Montmartre só se diverte quem quer. Essa a vantagem que o decidiu a alterar a condição, ou maneira de passar uma existência por todos os sábios reconhecida como efêmera.

Samuel Maia.







O escultor Anjos Teixeira

# A morte do escultor Anjos Teixeira

**H**OUVE já quem dissesse que Camilo Castelo Branco, tendo sido um dos maiores desgraçados que a roda do sol cobriu, tinha o triste condão de tornar desgraçados todos os que dêle se aproximavam.

Citavam-se até os exemplos de Vieira de Castro, assassinando a esposa na rua das Flores; de Urbino de Freitas acusado injustamente de ter envenenado os sobrinhos para herdar uma herança que em caso algum poderia pertencer-lhe, e, como tal, condenado á penitenciária e ao degredo; de Ferreira Quiques, o primeiro amante da mulher de Pinheiro Alves; da própria Ana Plácido que viu surgir dos seus amores com o romancista da "Mulher fatal", dois filhos tarados que foram a amargura e o remorso de toda a sua vida imponderada.

E tantos mais... tantos mais...

Aludia-se ainda ao mísero fim de Silva Pinto que tanto privou com o Mestre e tão duramente pagou o título de "discípulo dilecto", de que tanto se orgulhava.

Acreditava-se, em suma, no poder de contágio da desventura que sempre perseguira o triste solitário de S. Miguel de Seide.

Uma superstição, no fim de contas! — pode dizer-se.

Sim, é possível que assim seja.

Mas, em face de tantos factos acabrunhantes, não se compreende lá muito bem como possam acumular-se tantas coincidências.

Surgiu mais uma:

Na noite de Segunda Feira Gorda, quando a cidade se divertia na folia carnalêsca, foi encontrado agonizante, tombado nas Escadinhas do Duque, o ilustre escultor Anjos Teixeira que desde ha muito vinha sofrendo duma lesão cardíaca.

Conduzido ao hospital de S. José, chegou ali já cadaver.

Assim acabou a vida dêste artista que muito tinha ainda a realizar em pról da arte portuguesa.

Autor de muitas obras magníficas, Anjos Teixeira estava encarregado do monu-

A «maquette» do monumento a Camilo durante a visita das entidades oficiais

mento a levantar a Camilo em frente da casa que o grande romancista habitou quando da última visita que fez á capital. Pusera toda a sua alma nesse trabalho que a fatalidade não deixou completar.

Quando foi aberto o concurso para êsse monumento, Anjos Teixeira saíu da sua timidez e decidiu-se a concorrer. Não se aproximou do juri, nem procurou conhecimentos cativantes. A sua "maquette", que tinha por divisa "Gloria a Camilo", estava ali. Se entendessem que valia alguma coisa, que o dissessem. E o júri — honra lhe seja! — assim procedeu. Movido apenas pelo desejo de fazer justiça e render homenagem ao talento, escolheu a obra de Anjos Teixeira.

Dentro da sua modéstia, resguardada duma grande timidez, êsse artista de raro merecimento e autêntico valor deveria ter sentido uma grande alegria — a de ser finalmente compreendido.

Triunfar num concurso em que havia competidores da envergadura de Simões de Almeida (sobrinho), Francisco Santos e João José Gomes constituía alguma coisa de notável.

Não manifestou nunca a alegria do seu triunfo, nunca lha vimos manifestar, mas temos a certeza de que teria sentido muito justa, muito sua, muito legítima.

Mas a fatalidade perseguia-o, como já tinha perseguido o imortal romancista do "Amor de Perdição", cuja glória elle soubera interpretar na pedra, dando-lhe alma, vida e sentimento.

Na Quarta Feira de Cinzas realizou-se o funeral para o Alto de S. João. Chovia torrencialmente. As lágrimas dos que tanto amaram o escultor ilustre que se finara com 54 anos de idade, o ceu juntava também as suas lágrimas, que par-

tiam, num simbolismo cruel, os últimos abraços das serpentinas da folia carnalêsca da véspera.

*Memento homo quia pulvis es...*

Á hora em que o cadaver de Anjos Teixeira era retalhado pelo bisturi investigador dos médicos sôbre a lage fria do Necrotério, nas Belas Artes bailava-se animadamente...

No funeral do desventurado escultor encorporaram-se artistas ilustres como Carlos Reis, Veloso Salgado, António Saude, Maximiano Alves, David de Melo, Varela Aldemira, Falcão Trigo, Martinho da Fonseca, Simões de Almeida (sobrinho), Diogo de Macedo, Gilberto Renda, Benvindo Ceia, Alfredo Moraes, Delfim Maia, Norte Junior, Francisco Valença e muitos outros de que não foi possível colher relação.

O artista de inspirações tão belas teve, por fim, esta sincera consagração que infelizmente não pôde vêr.

Foi tardia, foi. E, no entanto, todos o estimavam e consideravam, congratulando-se com os triunfos que Anjos Teixeira ia alcançando.

Havia alguma coisa formidavelmente terrível e inexorável a pesar sôbre êsse escultor que tanto lutou para emergir das ondas revoltas dêste Mar das Tormentas da Vida, e erguer, por fim, a fronte à luz do sol da consagração a que tinha direito.

Havia alguma coisa a persegui-lo — acreditêmo-lo piamente — o estigma duma Fatalidade que nenhuma boa Fada soube desfazer com a sua varinha de condão.

O monumento a Camilo Castelo Branco ficou completo, podendo dizer-se que mais uma grande desdita veio ferir o grande romancista, ferindo de morte o autor da consagração que lhe devemos.



# O Carnaval das crianças



Uma varina minúscula e um guerreiro de dois palmos



Uma minhota envergonhada e uma ovarina decidida



A menina Maria Augusta Malheiro de Tavora Lobo de Miranda, filha de D. Maria Augusta Malheiro de Tavora Abreu e Lima Lobo de Miranda e do sr. Joaquim Lobo de Miranda, de dama do século XVIII, ostentando preciosos trajes e joias da época



O par gracioso duma florista e dum «gato»



Um trio evocativo de tempos idos



Uma holandesa



← Quatro genitros do antigo presidente do Conselho sr. Antonio Maria da Silva, que foram premiados na matine infantil da Sociedade Nacional de Belas Artes

Uma beiró que toma a sério o seu papel





La Fontaine

A passar mais um aniversário sobre a morte de La Fontaine que todo o mundo conhece pela sua extraordinária bondade e pelas fábulas encantadoras que escreveu, vem a propósito salientar que este escritor francês não chegou a ser nunca um fabulista original, nem sequer uma bondade personificada como toda a gente supõe.

La Fontaine foi um verdadeiro valdevinos. Em face do horror ao trabalho que sempre manifestou, seu pai forçou-o a entrar para um convento de Reims, na esperança de que a solidão claustral o regenerasse. Nada conseguiu. O jovem La Fontaine não sentia a menor tendência para a vida religiosa. Decorridos dezoito meses nesse suplício, fugiu, e foi expor a seu pai o seu pouco goito para a carreira eclesiástica.

O velho, após o sermão da praxe, cedeu-lhe o seu cargo de inspector das águas e dos bosques de Chateau-Thierry, em que pouco ou nada tinha que fazer, e casou-o com uma linda rapariga chamada Marie Hericart, na intenção de o fazer ganhar juízo. La Fontaine aceitou o cargo e a esposa mais por indolência do que por gosto. Se não lhe agradava ter preocupações de qualquer espécie, o encargo de marido não era de molde a seduzi-lo. Mas, se havia de surgir coisa pior, aceitou as funções de inspector e as de chefe de família, embora sem a menor intenção de as tomar a sério.

Um dia, ouvindo ler uma ode de Malherbe, sentiu despertar a sua sensibilidade poética e começou a fazer versos. Passou a ler as obras dos clássicos gregos e latinos e a procurar inspiração nas suas melhores páginas. Se Epicuro o encantava com o seu materialismo sensual, Esopo deslumbrava-o com as suas deliciosas fábulas.

Foi nesta altura que travou relações com a famosa duquesa de Bouillon, so-

brinha do cardeal Mazarino, desterrada em Chateau-Thierry por motivo do seu parentesco. La

Fontaine amou-a com verdadeira paixão, e daí o seu ódio ao rei e a todos os grandes do seu tempo que se compraziam em fazer mal à sua bem-amada. Para melhor disfarçar os seus remoqueos, passou a adaptar as fábulas de Esopo. O rei, de quem a condessa tinha graves queixas, parecia arvorado em heroi dalgumas das suas melhores fábulas, e em alvos dos seus ataques mordazes. Nesse depravado século XVII, respeitoso de todas as gerarquias e de todas as tradições, apenas La Fontaine e Molière tiveram a coragem de fazer a crítica dos costumes e da sociedade, embora usando astúcias de raposa e prudência de serpente venenosa. Em vez de publicar diatribes, como Voltaire o fez mais tarde, La Fontaine escrevia fábulas de aparência inofensiva. Quem poderia suspeitar de que o leão que aparece em toda a sua obra é o próprio monarca que sai por vezes muito mal ferido?

A duquesa de Bouillon, cada vez mais encantada com o seu poeta, leva-o consigo para Paris, logo que lhe levantam o desterro. Pouco depois, La Fontaine aborrece-se da capital e dos seus amores. Aturde-se numa vida de loucuras e prazeres e, uma vez arruinado, procura encobrir as suas intenções com a máscara da simplicidade.

Desligado de todos os vínculos e até das amizades pessoais para atender somente à sua arte, deixa-se albergar e vestir por grandes damas sem dar atenção às próprias acções que o humilham. Madame de La Sablière, por exemplo, ao desfazer preocupações de qualquer espécie, o encargo de marido não era de molde a seduzi-lo. Mas, se havia de surgir coisa pior, aceitou as funções de inspector e as de chefe de família, embora sem a menor intenção de as tomar a sério.

Influido talvez pelas recordações da duquesa, protestou energicamente contra a prisão do célebre ministro Fouciosas fábulas.

Foi nesta altura que travou relações com a famosa duquesa de Bouillon, so-

A fábula da raposa e a cegonha



## IMPOSTURAS DUM GÊNIO

# Do magnífico filão das fábulas de Esopo tirou La Fontaine o bastante para enganar a confiante humanidade

quet que lhe concedera uma pensão. Diz-se que neste protesto houve mais impulso revolucionário e espírito de rebeldia do que sentimento de gratidão. Ora, nessa época, a cólera do rei e a legislação vigente não permitiam semelhantes atrevimentos. Quando apareceu o seu livro "Amours de Psyché et de Cupidon", correu logo o boato de que se tratava dum alusão a certos amores de Luiz XIV. Tendo-se avolumado este boato que muito contribuiu para o êxito da obra, La Fontaine, recendo qualquer vingança, foi junto do Rei Sol apresentar o mais formal desmentido.

O mais interessante é que o soberano acreditou na boa fé e candidez desse poeta inofensivo ao qual todos chamavam o "bonhomme". Um parvo, no fim de contas.

Por comodidade, aceita sem o menor protesto a fama de estúpido que lhe dão, e leva a sua audácia a explorá-la, umas vezes para as suas conveniências, e outras para desabafar o seu mau humor.

Uma vez, convidado a jantar por uma grande personagem que julgava dar-se

importância sentando o fabulista à sua mesa, come por dois, bebe por quatro e sem soltar uma palavra. A sobremesa adormece, e ao despertar, uma hora depois, sai quase sem despedir-se.

Outra ocasião, junta o escárnio a grosseria. Acabando de jantar sem dar pio, levantou-se para sair sob o pretexto de ir à Academia. O anfitrião, no desejo de que se demorasse mais uns momentos, advertiu-lhe que ainda era muito cedo, e que dali à Academia eram apenas meia dúzia de passos.

— Não importa — replicou La Fontaine — tomarei o caminho mais curto.

Uma noite, em casa de Despreaux, durante uma ceia, discutiam Boileau e Racine sobre Santo Agostinho. La Fontaine, sem pensar sequer o que dizia, teve este aparte que deixou estupefactos os dois escritores:

— Julgais então que Santo Agostinho teve mais espírito do que Rabelais?

Disse isto apenas para ofender o grave Boileau.

O mais curioso é que o impertinente La Fontaine, interrompendo os outros com os mais grosseiros apertes, parecia não ouvir os apertes que lhe dirigiam quando falava.

Discutindo com Molière e Boileau sobre coisas de teatro, larga-lhes um enorme discurso cheio de inconveniências. Como não há maneira de o fazer calar, Despreaux grita-lhe:

— Cale-se, seu alarve! É preciso ser muito estúpido ou muito perverso para dizer tantas barbaridades em tão pouco tempo!

Como La Fontaine continuasse imperturbavelmente na sua dissertação, todos desataram a rir. E foi assim que terminou a sessão.

Não era, como veem, essa boa pessoa de quem tanto se fala. Como fabulista traduziu em francês as mais interessantes fábulas de Esopo, palmando outras a Fedro que, por sua vez, as tinha roubado também ao corcunda genial da Frígia, o primeiro que teve o condão de fazer falar os animais.

O seu a seu dono, portanto. A grande qualidade que La Fontaine teve, a única de que poderia orgulhar-se foi a de saber, como ninguém, enganar o próximo. Houve também quem lhe chamasse precursor da Revolução Francesa.

Isto nunca foi notado por Jean Jacques Rousseau, o filósofo que pretendia a proibição das obras de La Fontaine em todas as bibliotecas infantis pois "preconizavam uma moral muito pouco moral, dando sempre razão à Fôrça e à Astúcia". La Fontaine revolucionário! Eis um as-

pecto que encheria de confusão todos os que aconselhavam as fábulas inofensivas e moralíssimas para educação da infância e da juventude.

La Fontaine levou a sua vida a enganar toda a gente. Nunca deu razão à Fôrça e à Astúcia. Se repar-

mos bem, verificamos que ele apenas afirmava que na luta pela vida, tanto entre os animais como entre os homens, só os fortes e os astutos é que levam sempre a melhor. Como não poderia figurar entre os fortes, foi meter-se entre os astutos.

Um manhoso que morreu como viveu. Certas histórias de disciplinas e mortificações que lhe foram encontradas quando expirou, devem ter sido inventadas piedosamente por madame de Hervard, a última protectora do poeta, que tinha por ele uma tal adoração que manteve durante muitos anos o quarto de La Fontaine tal como ele o deixou.

Os cilícios que lhe foram encontrados ao ser amortalhado, foram obra dessa piedosa dama e de seu marido. Pouco trabalho teria dado ornamentar o cadáver com êsses atributos de mortificação. Pretendiam assim tornar amável na morte esse homem que nunca soube fazer-se amar em toda a sua vida.

O que ele nunca conseguiu foi atingir a originalidade de Esopo que, tendo sido escravo, teve por amante a mais formosa mulher do seu tempo — a formosíssima Rhodopis — que pôs a cabeça em água a um dos Faraós egípcios.

La Fontaine nunca teve a originalidade de Esopo, nem a sua nobreza. Os apólogos do grande frígio, tendo sido escritos no século VI antes da nossa era, são ainda hoje o filão dos mais conspícuos fabulistas. Plutarco salienta-lhe os defeitos físicos, dando-o como gago e corcunda, mas dotado dum espírito cintilante, engenhoso e subtil.

Caindo na situação de escravo, conseguiu que o último dos seus donos, o filósofo Xantos, o libertasse, encantado com a sua inteligência.

Contava-se até esta anedota, para confirmar a fealdade do grande fabulista: Encontrando-se numa sala um indivíduo muito feio, mas muito inteligente que atraía com a sua conservação as mais belas damas, houve alguém que o definiu nestes termos: "— E' feio como Esopo!"

O visado, ouvindo a definição pouco amável repostou:

— E sou! para em tudo me parecer com Esopo, até faço falar os animais!



ESOPE

"Dizem que o grande fabulista, Esopo sentindo-se liberto, correu mundo, tendo visitado o Egipto, a Babilónia e uma grande parte do Oriente.

Depois foi parar à corte do rei Crespo, cujo favor alcançou graças aos seus apólogos que serviram de base às leis do Estado.

O rei encarregou-o de levar as oferendas ao templo de Delfos, honra altíssima de que poucos se podiam gabar. Irritado com a cubícia e as fraudes dos sacerdotes de Apolo, Esopo dirigiu-lhes os amargos sarcasmos que o deitaram a perder.

Os sacerdotes esconderam-lhe na bagagem um vaso de oiro consagrado ao deus, e acusaram-no de o ter furtado.

Em face disto, e com tão categorizadas testemunhas a comprovar o crime, Esopo foi condenado a ser precipitado do alto da rocha Hyampéa.

Assim viveu e assim morreu um dos mais belos gênios que iluminou, não só a Grécia, mas todo o mundo.

La Fontaine é que não estava talhado para mártir nem para inventar coisas que causassem a admiração dos seus leitores. Da túnica de Esopo talharia ele a sua casaca à moda do século do Rei Sol, e tão bem engendraría a adaptação que todos a julgariam original. Depois com uma cabeleira empoada, e um sorriso apropriado, que fabulista estaria ali!

E há tantos assim nos tempos de hoje, tantos que seria rematada loucura tentar enumerá-los!...

## ASPECTOS MUNDANOS DO CARNAVAL



Aspecto da assistência ao baile oferecido pelo sr. Horácio Pimentel na sua elegante residência (Foto Serra Ribeiro)



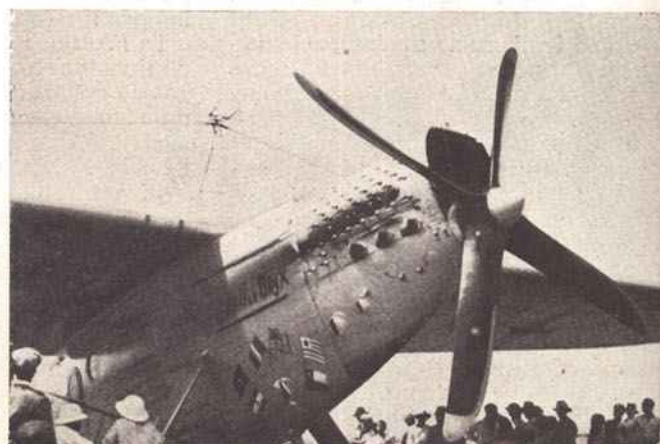
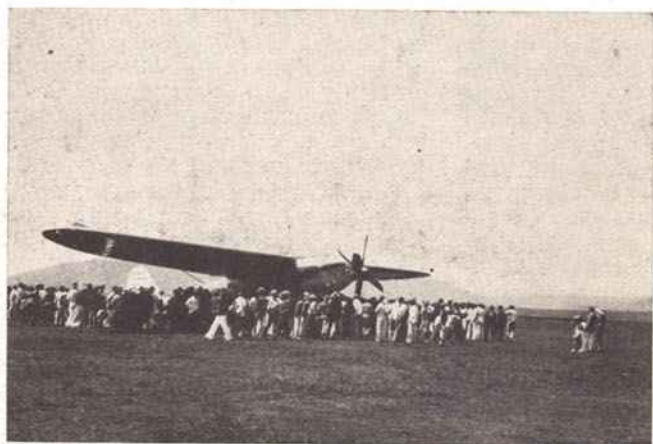
Grupo de senhoras na aristocrática festa em casa da senhora D. Maria de Lencastre Van-Zeller (Foto Serra Ribeiro)

### No Grémio Alentejano



Nos dias de Carnaval realizaram-se no Grémio Alentejano animados bailes de máscaras. Os vastos salões daquela colectividade estiveram repletos de uma assistência elegante que imprimiu às festas um cunho de elevada distinção. Em todos eles se dançou animadamente até de madrugada. Organizou-se também uma graciosa *matinée* infantil que resultou uma das melhores que no seu género se fizeram em Lisboa. Centenas de crianças mascaradas a primor ali se apresentaram. Madame Britton's exibiu um gentil grupo de pequenas bailarinas que agradou muito. Ao fim da tarde, um júri classificou as crianças mais bem mascaradas a quem foram distribuídos prémios.

## CODOS E ROSSI EM CABO VERDE



Como os jornais oportunamente noticiaram, os gloriosos pilotos franceses Codos e Rossi foram forçados a aterrar na ilha da Praia, arquipélago de Cabo Verde, quando tentaram o vôo Dakar-Natal tripulando o poderoso avião «Joseph Le Brix». As causas da avaria que interrompeu o «raid» dos célebres aviadores são mal conhecidas. Sabe-se no entanto que por qualquer circunstância técnica o motor começou funcionando mal, resultando disso o sobre-aquecimento do óleo que perdeu o seu natural poder de viscosidade. Este facto pôs em perigo os dois aviadores que teriam sido forçados a descer em pleno Atlântico se não pudessem alcançar o aeródromo da Praia. Codos e Rossi tiveram ocasião de verificar as excelentes condições desse campo de aviação, cuja importância para as ligações aéreas entre a Europa e a América salientaram. Após uma cuidada revisão do motor do «Joseph Le Brix», os aviadores franceses voltaram a levantar vôo do campo da Praia, no dia 14 deste mês, com rumo ao seu país. As nossas gravuras mostram dois aspectos da chegada do «Joseph Le Brix» que, tendo sido conhecida com antecedência pela T. S. F., atraiu ao campo da Praia uma grande multidão.

# O segredo de Stradivárius poderá vir a ser um dia descoberto?

**M**AIS uma vez o nome ilustre de António Stradivárius acaba de ser posto em foco por uma notícia procedente de Chicago, segundo a qual um antiquário da Califórnia teria descoberto o segredo do genial fabricante de violinos.

Esse segredo consistiria, no dizer do referido antiquário, na composição do verniz cuja fórmula éle pretende ter encontrado. A notícia foi acolhida com geral cepticismo, em especial na cidade italiana de Cremona, onde se encontram reunidos quasi todos os documentos existentes sobre a vida de Stradivárius.

Na verdade, a composição dos vernizes empregados por Stradivárius nos seus instrumentos não é já segredo para os entendedores. Existem em Cremona algumas amostras que foram exaustivamente analisadas e cuja fórmula é conhecida. Um conhecido fabricante de violinos emprega um verniz de composição rigorosamente idêntica, mas os seus instrumentos a-pesar-de bons estão muito longe de ter a categoria dos autênticos «stradivárius».

O renome dos instrumentos fabricados por

o modo de vida do glorioso fabricante. Venderam os seus instrumentos e ferramentas. A casa onde habitou foi demolida. O seu próprio túmulo foi destruído, e os seus ossos desapareceram.

Em 1869 a municipalidade de Cremona resolveu demolir uma velha igreja para arranjar espaço para um jardim público. Encontrava-se aí a sepultura de Stradivárius e do seu interior retiraram-se três crânios que se supõem ser o seu, de sua mulher e sua filha. Foram eles parar às mãos do empreiteiro que os levou para casa. Ao fim de algum tempo, «cansado de ver os filhos sempre a brincarem com eles» — conforme depois explicou — levou-os para o cemitério onde foram lançados na vala comum.

As suas ferramentas, desenhos e instrumentos transmitiram-se de geração em geração, na posse de entendidos que os souberam conservar cuidadosamente. Ultimamente, encontravam-se em poder de Giuseppe Fiorini, um fabricante de violinos que vivia na Alemanha. Por sua morte, Fiorini legou essa preciosa coleção à cidade de Cremona onde actualmente se encontra exposta. Compõe-se a coleção de cerca de cem objectos, entre os quais avultam, pela luz que lançam sobre o problema, os desenhos de que o mestre se servia para fabricar os seus instrumentos.

A' esquerda: as ferramentas de Stradivárius no Museu de Cremona. Em baixo: os desenhos do mestre



Stradivárius na sua oficina, segundo um quadro de E. Hamman

A notícia de que essas reliquias iam ser patenteadas ao público fez acorrer a Cremona todos os investigadores da especialidade. Os olhares mais competentes perscrutaram os desenhos e os modelos sem neles nada descobrirem de notável, à parte uma grande perfeição técnica.

Em que consistirá, pois, o segredo de «Stradivárius»?

Sobre este perturbante enigma têm-se escrito livros e livros, têm-se architectado teorias e teorias. Todos os recursos de investigação científica foram utilizados nesse sentido. E a conclusão tem sido sempre a mesma: todos os «stradivárius» diferem entre si. Não é possível encontrar dois iguais.

Compreende-se bem que assim seja. Nunca dois pedaços de madeira poderão ser rigorosamente iguais, ter precisamente a mesma densidade. A absoluta precisão não pertence aos domínios do homem.

Mas este facto, ajuda-nos talvez a compreender o segredo de «Stradivárius». Se os seus instrumentos diferem todos entre si é porque o fabricante não possuía um desses segredos industriais, do género dos que os inventores fazem hoje registar nas repartições respectivas. Construía cada violino de per si, como uma obra de arte. E os seus dedos geniais, sabiam encontrar a mágica harmonia de todas as peças que dá ao «stradivárius» inigualável pureza e intensidade de som.



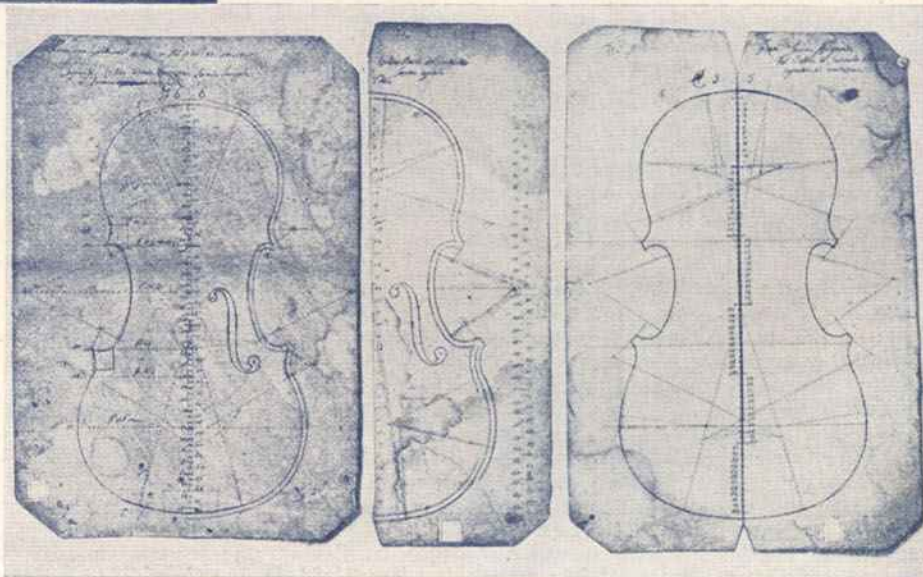
Stradivárius é mundial. Nas salas de espectáculos ou nos leilões, um violino com a sua assinatura é sempre o alvo duma curiosidade intensa, tanto por parte do público que o escuta, como por parte dos amadores que por eles pagam somas fabulosas.

Mas a despeito desta celebridade, pouco se sabe sobre o autor dessas maravilhas.

António Stradivárius nasceu em Cremona em 1644. A sua vida é um mistério que os historiadores de balde têm tentado penetrar. Crê-se geralmente que pertenceu a uma irmandade religiosa, dentro da qual adoptou o nome de «António Nihil», cuja significação é António Nada.

Se assim foi, não se pode deixar de dizer que esse nome era profético. Porque, de facto, da sua passagem pela Terra não ficou qualquer outro vestígio além dos seus violinos e dum retrato que lhe é, sem sólidos motivos, atribuído.

Os seus descendentes não quiseram seguir





Romeu e Julieta

transornos da vida. O velho Portinari, gibellino ferrenho não consentiria nunca que a sua filha fôsse ligar-se ao jovem Dante Alighieri que era do partido dos guelfos, seguindo, como não podia deixar de ser, as tradições da família. Beatriz forçada a casar com um tal Simon di Bardí, morreu pouco depois, não se sabe bem de que doença, na esperançosa idade de vinte e quatro anos.

Não contestaremos aqueles que aceitaram este óbito provocado por paixão assolapada, dando razão à velha trova dum poeta portuense acêrca do amor que

*provada só dá-nos vida, quando esgotado envenena...*

Beatriz morreu — de paixão, de parto ou duma febre tifóide, pouco importa — e, dois anos depois, Dante cantava os seus des-

## RESPONDAM AS LEITORAS: Se o amor é sofrimento valerá a pena amar alguém?

E' ela, a morta querida, que o inspira no Canto II, ao segredar-lhe:

*Io son Beatrice, che ti faccio andare:  
Vegne di loco, ove tornar disio;  
Amor mi mosse, che mi fa parlare...*

E' ela ainda que o alenta no Canto XXX, descendo do céu quando Virgílio desapparece, a repreendê-lo da sua cegueira e do seu apego às coisas terrestres, e a mostrar-lhe o erro da sua vida em ter torcido o caminho que lhe havia sido indicado.

O poeta morreu em Ravena, murmurando o doce nome de Beatriz. Ao menos, desse grande amor, surgiu o imortal poema que constituiu uma das maravilhas da literatura universal de todos os tempos.

Já agora, não deixaremos de citar o ilustre Petrarca que se fartou de fazer loucuras por uma senhora casada que teve a desgraça de ver em Provença, sua terra natal.

Tratando-se duma dama honestíssima, o vate começou a fazer-lhe a corte por um processo engenhoso e pouco recomendavel: fez-se amigo do marido, um tal senhor Hugo di Sade, e, a breve trecho, passava a ser visita assídua da casa. O marido, na sua boa fé, sentia-se muito honrado com a presença do ilustre poeta que se dignava sentar-se à sua mesa,

visto não poder sondar-lhe os tenebrosos pensamentos. Não sucedeu o mesmo com a dona da casa que, ao ver-se escandalosamente cortejada, poz na rua o atrevido, pregando-lhe com os sonetos na cara.

Faz bem? Faz mal?

Tôdas as pessoas de bem ficaram convencidas de que ela procedeu como devia na sua qualidade de mulher casada e estruturalmente honesta. Eram lindos os versos que o ilustre poeta temava em dedicar-lhe, mas a dama em questão não era criatura que se deixasse embalar com cantigas.

Ainda assim, essa senhora Laura de Noves não se livrou da imortalidade, passando a ser ainda hoje — e já lá vão seis séculos! — não a esposa de Hugo di Sade, mas a deliciosa Laura de Petrarca que todo o mundo exalta. Num lindo dia primaveril de 1348 — dia em que completava 40 anos de idade — a pobre senhora morreu vitimada pela peste. Então é que foram elas! Petrarca desunhou-se a fazer versos à sua querida Laura, fazendo crer que tinha sido amado como um sultão. Salvaram-se os sonetos, e já não foi mau de todo... Diz uma velha história que o nosso Petrarca, após várias loucuras de muitos anos, foi encontrado morto na sua biblioteca, caído sobre um livro aberto — os seus maravilhosos sonetos. E diz ainda a história que os que o ergueram repararam que êle tinha

*"sobre o nome de Laura os lábios postos..."*

Mais desgraçados foram talvez os amores de Romeu e Julieta que, por motivo da clássica luta de famílias, andaram a jogar as escondidas até o dia em que resolveram brincar aos suicídios na triste paz dum jazigo. Quando menos esperavam, a mistificação do veneno redundou em caso trágico, e os dois inditosos namorados lá se fôram desta para melhor, numa inconsciência de que Shakespeare havia de tirar um magnífico partido.

Valeria a pena tanto sacrificio?

Mas há mais, muito mais.

A história dos amantes de Teruel é também digna de menção especial. Diego Martínez de Marcilla, filho dum fidalgo

Os amantes de Teruel



pobre, teve a fatalidade de apaixonar-se pela formosa Isabel de Segura, rica herdeira e senhora de vastos domínios. Esta paixão foi crepitando no coração dos dois namorados que tinham jurado viver apenas um para o outro.

Heioisa e Abeilard

Quando Diego se afoitou a pedir a mão da sua amada, o pai desta procurou dissuadi-lo com boas razões, alegando que não daria a sua filha a um homem sem meios de vida, e que se assim procedia é porque, acima de tudo, estava a felicidade desse ente querido que mais amava no mundo.

Diego, ferido no seu orgulho, pediu à sua amada um praso de cinco anos para ir conquistar fortuna, e partiu para a guerra contra os moiros.

Entretanto, o pai de Isabel procurou evitar que chegassem notícias do expatriado, fazendo crer a sua filha que Diego, ou tinha morrido ou a esquecera em face dalguma linda moira, à semelhança do que tantos tinham feito. Achava, portanto, oportuno que se casasse com o rico Dom Pedro Rodriguez de Azagra, irmão do opulento senhor de Albaracin. Isabel, apesar da imposição do pai, ia resistindo, sempre à espera de notícias.

Assim decorreram os cinco anos do praso... Por fim, a desolada Isabel acedeu, sendo marcado o dia das bodas.

Nessa altura chegou Diego que, subornando os criados, conseguiu introduzir-se na alcova nupcial. Quando entrou a noiva, Diego disse-lhe com voz cava: "Está aqui o homem de quem juraste ser esposa!... Sinto que vou morrer. Beija-me pela primeira e última vez!"

Isabel, fiel cumpridora dos seus deveres, recusou alegando razões de honra, e o pobre rapaz tombou sem vida junto do leito nupcial. Quando o noivo entrou, perguntou a causa de tanta perturbação. Por entre soluços, Isabel disse-lhe que se estava lembrando duma sua amiga muito querida que negara um beijo ao seu bem-amado quando êste se encontrava moribundo. Ouvia o senhor de Azagra todo êsse angustioso relato, que



rematou com a seguinte frase: — "Bem néscia e cruel é essa tua amiga. Se em vida lhe recusou o beijo pedido, devia dar-lhe, depois de morto, não um, mas dois mil de sentimento!"

— Sou eu essa mulher néscia e cruel, mas honrada! — replicou Isabel.

E, levantando a cortina que ocultava o cadáver, disse-lhe:

— "Esse é o meu esposo querido a quem causei a morte!"

Para evitar o escândalo, a intervenção da justiça e as represálias da família do desventurado rapaz, o senhor de Azagra ordenou que o cadáver fosse colocado à porta da casa do velho Marcilla. Quando se realizavam os funerais na igreja de S. Pedro, a noiva dirigiu-se ao féretro e beijou longamente a boca fria e inanimada do seu querido Diego. Quando a levantaram, estava morta. E assim acabou a história trágica dos amantes de Teruel que, segundo a tradição, eram "tonta ella y tonto él."

Felizmente, hoje em dia, já não há destas paixões doentias que brotavam nos tempos idos com a balada de "Isolina, a muí formosa", com as páginas do "Werther", ou com o exemplo da "Dama das Camélias". As damas de hoje, embora detestem a nutrição excessiva, já não tomam vinagre às colheres para emmagrecer e aparecerem olheirentas e pálidas como a desventurada Margarida Gauthier que Deus tenha em sua santa glória.

As damas de hoje já não amam como se amava antigamente, e ainda bem para nosso sossego de alma e de corpo.

Se toda a gente afirma que "amar é sofrer", devemos ir à procura do sofrimento com a resignação mística duma freira que rasgasse os lombos mirrados com disciplinas e espicaçasse os rins com cilícios torturantes?

Valerá a pena?

Gomes Monteiro.

VALERÁ a pena amar alguém? E para quê? Se folhearmos a História do Mundo, página a página, em tôdas as épocas, verificamos que os grandes amores acabaram sempre mal. Não iremos buscar as desventuras fabulosas de Orfeu e Euridice, de Eco e Narciso, ou Pyrano e Tisbé, nem as lamentações da divina poetisa Sappho ao contemplar as ondas revoltas do Oceano em que iria submergir-se com saudades do seu ingrato Phaoon.

Há amores mais modernos e, consequentemente mais documentados.

O que foi o amor de Heioisa e Abeilard senão uma rematada loucura? Tôda a gente sabe como acabou aquilo. O tio da pequena, o rancoroso cônego Fulbert, armou meia dúzia de sicários que, introduzindo-se na alcova de Abeilard, o sujeitaram à mais horrível das mutilações. Valeria a pena tudo isso? E para quê? O pobre filósofo, sem alegria, sem sexo e sem esperança de qualquer espécie, retirou-se para um convento a que chamou "Paracleto", — o Consolador — e ali se finou na bonita idade (ainda assim) de 63 anos!

Pobre Abeilard! Por uma loucura amorosa foi extinguir-se como um inútil, no silêncio dum claustro! Foi êsse o fim do homem que encheu o mundo como o principal fundador da filosofia na Idade Média!

Heioisa, por sua vez, arvorada em abadesa do "Paracleto", foi sempre constante à sua paixão, sendo enterrada, conforme a derradeira vontade que manifestou, na própria sepultura do seu bem-amado de sempre.

Dante, o excelso poeta da "Divina Comédia", teve também a desgraça de se apaixonar por uma tal Beatriz Portinari, linda rapariga é certo, mas de quem ninguém se lembraria hoje se não fôsem os magníficos tercetos do seu adorador. Amou-a e foi essa a causa máxima dos



Dante e Heioisa

ditosos amores no bizarro poema *Vita nuova*. Quis, com êfeito, seguir uma vida nova, casando com uma dama chamada Gemma, da qual teve cinco filhos. Nada conseguiu. A lembrança da sua querida morta era uma obsessão terrível, esmagadora.

Uma das suas filhas chamou-se Beatriz em memória da adorada defunta que poderia ter sido uma excelente madrastra. Foi ainda dominado pela recordação da Beatriz que escreveu a sua obra imortal "A Divina Comédia".



Quem diria que esta rapariga de aspecto romântico se chamava um dia Greta Garbo?

Os próprios correspondentes dos jornais ingleses que se preparavam para apontar deformações da imortal obra-prima de Dickens, foram forçados a elogiar sem reserva a forma admirável como os pormenores e o espírito do romance, e até o próprio ambiente inglês, foram reproduzidos no filme.

A avaliar por essas críticas, o filme vale sobretudo pela interpretação. W. C. Fields interpreta o papel de Micawber. E o de David é desempenhado na primeira parte por um rapaz de dez anos que revela extraordinários dotes histrioncos, e

## COISAS DO CINEMA

# O segredo das transfigurações que fazem duma simples mulher uma "estrela" que fascina o público da Europa e da América

### O que vai pelos estúdios

nistração, não dispõe já do número de acções necessário para desempenhar um papel importante nos destinos da firma que criou.

Ernest Lubitsch foi nomeado, chefe de produção, dentro do mesmo plano de reformas. Quere isto dizer que passará a orientar as produções dos outros realizadores. Mas fora destas atribuições continuará a dirigir a realização de filmes. Um dos primeiros será baseado na vida de Josefina de Beauharnais. Lubitsch trabalha já há algum tempo na composição do argumento, em colaboração com Hans Szekeley.

O mais interessante é que a intérprete indicada para criar o papel da esposa de Napoleão é Marlene Dietrich. E por outro lado diz-se que Lubitsch quer oferecer o papel de Napoleão a Edward G. Robinson.

Tudo estaria muito bem e só teríamos que nos felicitar por tão feliz conjunto. Mas a realização do projecto oferece muitas dificuldades. Marlene e Robinson são dois artistas de grande categoria, ciãos dos seus respectivos prestígios e que não deixarão de oferecer resistência a uma aproximação de resultados incertos para a

sua glória artística. Contudo, é bem possível que acedam em trabalhar juntos. E nesse caso veremos o maior duelo de «estrelas» dos últimos tempos.

A exemplo do que está a suceder na América, os produtores franceses começam a anunciar filmes em cores naturais. O primeiro intitular-se-á «Raparigas para casar» e será realizado por Jean Vallée sob a direcção de Henry Roussell.

Já há tempo Edmond T. Greville apresentou «Tyrol», um curto documentário a cores, baseado no mesmo processo, que obteve bom acolhimento.

Está assunto em definitivo que Luigi Pirandello irá a Hollywood dirigir a realização da sua obra-prima «Seis personagens à procura de autor». O famoso dramaturgo deve partir de Itália em princípios do próximo mês de Maio.

Pirandello não oculta um profundo interesse por tudo que se relaciona com a

«sétima arte». Diz-se que tem de reserva dois ou três projectos audaciosos em que o diálogo seria exclusivamente substituído por imagens e por música.

Esta bailarina a hoje conhecida no cinema pelo nome de Lilian Harvey



Antes de entrar para o cinema Jean Harlow tinha esta fisionomia pouco notável

Diz-se que uma personalidade muito em destaque no foro parisiense reuniu para esse fim grande cópia de documentos, o que permitirá apresentar o grande Imperador sob aspectos imprevisos.

Os grandes estúdios de Elstree, nas imediações de Londres, trabalham afeiosamente na realização dum filme destinado às sumptuosas festas com que será celebrado o Jubileu de prata de Jorge V, no dia 6 de Maio próximo.

Esse filme será uma espécie de revista dos factos mais im-

portantes que têm ocorrido durante o reinado do soberano, tanto na vida política e social, como no campo das artes e das letras.

Desfilarão no écran muitas das mais célebres personalidades políticas como Lord Grey, John Redmond, Baldwin, Lloyd George e outros.

Os triunfos femininos serão assinalados pela aviadora Amy Mollison, a primeira advogada Miss Ivy Williams e a primeira ministra Miss Margaret Bandfields.

Algumas destas personalidades deram a sua colaboração. Outras foram substituídas por sócios impecavelmente caracterizados.

Uma das passagens do filme é consagrada à famosa canção «Tipperary» que, tendo sido composta para um pequeno destacamento se tornou a música popular de todo o exército inglês durante a Grande Guerra.

Liliani, a célebre peça do dramaturgo húngaro Franz Molnar, foi já adaptada por duas vezes ao cinema. A primeira na América por Frank Borzage com Charles Farrell e Estelle Taylor. A segunda em França por Fritz Lang, com Charles Boyer e Fiorelle.

Anuncia-se agora terceira versão, que será alemã. Se o projecto for por diante, Viena será o local escolhido para a filmagem e o novo interprete de «Liliani» será Hans Alliers.

Gustav Ucicky, autor do filme «Morgenrot» que acaba de alcançar em Paris e Berlim um êxito estrondoso, empreendeu a realização dum filme sobre Joana d'Arc.

Como o leitor sabe, a famosa Donzela de Orleans já foi incarnada por Falconetti no filme de Carl Dreyer e por Simone Genevoix no filme de Marco de Gastyne. Desta vez a criação será da actriz alemã Angela Salköler. Para o leitor que decerto a não conhece, diremos a título de informação que esta artista tem uma acentuada semelhança fisionómica com Gaby Morlay.

Quando Samuel Goldwyn levou para a América a jovem actriz russa Ana Stev, tinha ela o aspecto que aqui se vê e que difere consideravelmente do actual

Um dos milagres do cinema é a transformação de simples mortais nessas criaturas de ideal beleza a que se chama «estrelas».

O público não dá por êle. Não suspeita talvez de que o milagre, a transfiguração, existam.

Quando a actriz se impõe à sua admiração vem já na metamorfose deslumbrante por que vai ser conhecida. Quem se lembra de pensar que ela poderia ter sido um dia diferente?

E afinal é o que sucede sempre. Antes de serem borboletas, as «estrelas» foram crisálidas. Vieram apagadas e modestas, nem mais bonitas nem mais feitas do que qualquer catxéva ou «manucureta» das que diariamente encontramos no caminho.

Querem a prova? Veiam as fotografias que ilustram estas páginas. Conhecer-nos? Pois bem, todas elas são artistas e das mais célebres. Consultem as legendas, evocuem mentalmente os rostos semi-devotas que hoje usam êstes nomes e veiam a diferença.

Que mistério preside a estas transformações? Que o digam os mestres de «maquillages» dos grandes estúdios.

Como em tempo dissemos, a «Metro Goldwyn Mayer» resolvera pôr em cena uma grande produção extraída do célebre romance de Charles Dickens, «David Copperfield», e confiou esse encargo a um dos seus mais prestigiosos realizadores, Hugh Walpole.

Os meios cinematográficos, logo que esta intenção foi anunciada consideraram-na como um espectacular desafio lançado por Hollywood aos produtores britânicos, cuja importância cresce de dia para dia a ponto de inquietar a capital dos filmes.

Pois Walpole terminou já o seu trabalho e a estreia da ambiciosa película provocou em Nova York um excepcional entusiasmo.



Juan Crawford tinha há alguns anos êste aspecto ingenuo e insignificante

na segunda pelo actor Frank Lawton, que tem uma magistral criação.

Como o leitor deve recordar-se, a «Paramount» atravessou recentemente uma grave crise financeira que foi quasi até à paralisação total da sua actividade. A pesar de tudo, a poderosa Empresa logrou sair dêste mau passo, mas à custa duma profunda remodelação interna, cujas consequências ainda não são de todo conhecidas.

Assim, Adolph Zukor, um dos fundadores, embora continue a figurar no conselho de admi-

Já ainda bem pouco tempo, quando se estiverem nos filmes «Catarina da Rússia» apresentava-se como a nossa grã-duquesa representativa





Nos dias 3 e 5 do corrente, realizaram-se na Avenida da Liberdade os tradicionais festejos carnavalescos.

O sr. governador civil de Lisboa, a exemplo dos anos anteriores, organizou as festas de molde a delas resultarem receitas para a Comissão de Assistência a que preside. É o público que nesses dias acontece em grande número à principal artéria da cidade, embora não se divertisse — porque a decadência do Carnaval de Lisboa acentua-se de ano para ano — trouxe contudo a certeza de ter contribuído, com o modesto preço das entradas nos recintos reservados, para uma meritória obra de assistência, de que beneficiam algumas casas de caridade e centenas de desprotegidos da sorte.

Foi essa, afinal, a nota simpática dos festejos. Porque do Carnaval, propriamente dito, tudo quanto se pode dizer se contém num desem-

Em cima: «Os chineses do Patronato da Infância. A sibilista: «A marinha do rei Carnavalesco da Albergaria de Lisboa»

Porque essas tradições não existem. Havia, sim, do Estruço, com as suas arruaças, palavrões, bratalhadas e porcaria. Desde que a Polícia e a Direcção Geral de Saúde as consideraram, e muito bem, contrárias à boa disciplina social e à higiene pública, acanharam-se



os folguedos. O resto é melancolia, bocejo ou, quando muito, pasmação.

«Foi o que sucedeu ontem, o que sucederá amanhã e o que tem sucedido sempre, desde que se foi o Entrudo e se forjou, para o substituir, um Carnaval de pacotilha, que a cidade não sente,

N. esquerda: Um trem puxado por um cão. Em baixo: «O batalhão Napoleónico da Albergaria de Lisboa»

poirado artigo «de fundos» do *Diário de Notícias*, de que transcrevemos a seguir um expressivo trecho:

«É inútil. É remar contra a maré. E nada se consegue. «O velho Entrudo alfacinha, atrevido e sujo, morreu. O Carnaval de Lisboa, com jeitos de civilizado — façam o que fizerem — vai ter, mais ano, menos ano, idêntica sorte.

«Mesmo, hoje em dia, o Carnaval só pode manter-se onde possui tradições — Veneza, Nice, Basileia, Munich, Mayença, Rio de Janeiro, e se quiserem, e até, aqui à beira da porta, embora sem confrontos de tanto esplendor e de alegria, na vila das Torres Vedras.

«Em Lisboa não é possível.



UMA TRADIÇÃO

O Carnaval teve, como sempre sucede, grande

não compreende, e ao qual nunca dará, por isso mesmo, a sua colaboração.

«O Carnaval das ruas mais uma vez deu prova da sua inadaptação nesta zona do Mundo, onde a gente é de sua natureza pouco alacre, de gostos provincianos, cada vez mais tentada em seus gastos por causa da carestia da vida, sempre crescente, e mais propensa a ver touros de palanque do que a vir para a feição fazer com que os outros se divirtam à sua custa.»



No «corso» tomaram parte algumas centenas de carros, a maior parte dos quais sem qualquer ornamentação. Tudo se reduziu a um desfile monótono, sem graça nem vivacidade, características inultráveis do nosso Carnaval nos últimos tempos.

Figurou no cortejo um carro em que seguiam o «rei» e a «rainha» do Entrudo. Precedia-o um grupo de charmeleiros a cavalo, arceiros e pagens e ao lado trotava um oficial as ordens montado num burro.

Diversas casas de caridade organizaram batalhões carnavalescos compostos de crianças. Entre estes destacavam-se: o «Batalhão Napoleónico», formado por rapazes da Albergaria de Lisboa; «A marinha do rei Carnavalesco», por meninas daquela mesma instituição e que eram acompanhadas por um vistoso navio; um gracioso grupo de *pierrats* do Orfanato Escola de Santa Isabel

EM DECADÊNCIA

na Avenida concorrência e fraca animação

que marchavam ao som da música executada por uma banda infantil; 150 internados das Oficinas de S. José de camisola azul e calça branca; e os



Um automóvel que causou pena às suas donas. Ilustração



«chineses» do Patronato da Infância, pitorescamente caracterizados, com tempo de clarins, guarda de honra à bandeira e generais.

Dos grupos musicais que se incorporaram no cortejo são dignos de menção: a «Froupe-jazz» «Os Azules» da Sociedade Filarmónica Fraternidade de Carnaxide; o constituído por elementos da Sociedade Recreativa de Linda-a-Velha, que apresentaram curiosamente mascarados de peles vermelhas, com cocares de penas na cabeça e as faces carregadas de almagre; e «Os Trocistas», «troupe» privativa do Rádio Graça.

Apresentaram-se também na Avenida alguns carros de reclamo que se fizeram notar pelo seu bom gosto ou originalidade da decoração. Entre outros o do «Chã Celeste» que figurava um enorme elefante, com xairel azul e dourado e um palanquinha onde seguiam duas gentis raparigas vestidas de indianas; o da ginginha «Rubi», representando a Torre de Belem, trabalho do cenógrafo José Rosentock; e da Sociedade das Águas de Canaças, reproduzindo a popular fonte dos Castanhei-

ros; e o da Cooperativa dos Chauffeurs Lisboenses, que formava na parte superior um gigantesco chapéu de palha.

Um pequeno avião construído por Alvaro Correia de Oliveira e baptizado com o nome de «Foguete», percorria diversas vezes a Avenida tripulado pelo menino Oscar Lourenço de Souza Calado, de cinco anos, despertando grande curiosidade entre o público.

Outro veículo pitoresco era formado por um pequeno trem puxado por um cão, onde seguiam quatro crianças, as meninas Maria Emilia Dellina Silva Costa, Maria Cândida Silva Costa e Cecília

Bandeira que servia de cocheiro e o menino Manuel Bandeira. No centro da avenida assistiam à passagem do «corso» os srs. governador

civil, coronel Gameira, comandante da P. S. P. capitães, Maia Loureiro e Rogério Cardoso e tenente Reis. Os vários batalhões, ao desfilarem perante o chefe do distrito, apresentavam saudações.

O júri de classificações dos carros ornamentados, de crianças mascaradas, estudiantinas e batalhões, cometido pelos srs. coronel Garcia, Gil Fernandes e Magalhães Domingues do A. C. P., estava instalado junto da rua Alexandre Herculano.

A Comissão Central de Assistência ofereceu, no dia 4, às crianças mascaradas que tomaram parte nos festejos, uma matiné no salão do Capitólio, onde lhes fez distribuir diversos brindes.

Em pouco mais do que isto se resumiram os folguedos na principal artéria de Lisboa. O público que que ali se concentrou, assistindo com melancolia ao desfile dos carros, procurou à noite nos teatros, nos bailes das agremiações recreativas e nos «sallitos» uns restos de animação carnavalesca que de ano para ano se tornam mais raros. Não longe os tempos em que uma espécie de delírio colectivo galvanizava a multidão durante estes dias, levando-a a esquecer as suas preocupações e sofrimentos.

No fundo cinzento do Carnaval de hoje, sem brilho nem animação, as crianças mascaradas são a única mancha de cor que nos deleita os olhos. E só elas absolvem esta quadra do ano da sua senhoria tradicional.







formosas de mais para se dar, vendem-se o melhor que podem.

As flores sabem o que fazem — acreditem — e são susceptíveis de criar defeitos como qualquer pessoa.

A própria violeta, que todos conhecemos cheia de pudor e virtude, quando se encontra entre as gardénias e as orquídeas, toma logo um ar de cortezã devassa.

Mulheres e flores — tôdas elas são iguais.

As mulheres formosas — flores que sabem rir — envergam as mais belas galas que a nova estação lhes aconselha e a Moda determina, e passam a ser as flores da cidade.

E é por isso — e só talvez por isso — que fazemos uma ideia de que está para chegar a Primavera.

Devemos ir ao campo, subir às montanhas, espraiar o olhar através dos prados floridos e erguer, até um cântico à Natureza fecunda.

E ali que poderemos ver chegar o cortejo da estação florida, anunciado pelo gorgear da passarada. Uma verdadeira invasão que, ao contrário de tôdas as outras, deixa alegrias e cânticos festivos atrás de si.

A Primavera surge, de repente, em toda a sua majestade e imponência, expulsando o Inverno com a haste viçosa dum oláia em flor.

Encantadora batalha em que os próprios vencidos se consideram felizes, debandando ante as brincadeiras dos vencedores que lhes fazem cócegas!

Deixemos, portanto, por umas horas, o bulício da cidade, e vamos até a pacatez do campo.

E ali que poderemos render culto à mais deliciosa quadra do ano, e encontraremos a perfumada flor Primavera...

Não a conhecem? Amarela e ver-

VAI CHEGAR PRIMAVERA!

## A VIDA DE SUAS FLORES

— A HISTÓRIA TRISTE TODA A GENTE...

melha, foi gerada no seio dos grandes frêny sua vida de encanto sedentas de sol e de beir e regada pelas correntes rumurosas da neyos acariciantes do malicioso zéfiro.

Alphonse Karr dedica-lhe páginas, convic que chora e sofre ao, passo que tudo mais são cantos e alegrias. É o único sinal

“Desabrocha — diz o grande

escritor — no cimo duma delgada haste que, ondulado à mercê da branda aragem, pende ao péso da sua corola, qual pudica virgem baixando a frente à luz do sol

que lhe descobre a beleza. As suas pétalas, dum encarnado vivo, são leves e finas, formando graciosíssimas pregas; do seu cálice evolui-se um ténue e puro aroma, arauto dos variados perfumes que saturam a atmosfera na estação primaveril que lhe dá o nome.

“No mesmo prado, na mesma vertente onde encontrades a flor Primavera, prenúncio de alegria, achareis outra flor de aspecto melancólico — símbolo de tristeza — quasi murcha, desprovida de perfume, de haste partida. É provável que não façais caso dela, e colhendo a primeira flor, atractiva e empavonada, talvez calqueis a segunda, sem dar por isso.

“Lançai o vosso olhar misericordioso sobre essa pobre filha do campo, que languidece e agonisa, desaparecendo precisamente quando todas as outras flores principiam a



A Primavera surge, de repente, expulsando o Inverno com a haste viçosa dum oláia em flor.

Primavera — com as suas côres garridas, o seu gracioso ondular, as suas amplas folhas abertas ao vento, o seu porte galhardo e o seu alento perfumado e cáldio.

“A Flor de Neve — que também se chama Galantina — olha a Primavera amoravelmente e sem sentir o maisténue vislumbre de inveja. Todo o seu anelo se resume em contemplar a sua colega gentil. Não tem pena de morrer por abandonar a vida, mas sim por perder para sempre a companhia da Primavera.

“Vive a seu lado apenas um dia. Falando-lhe, entre, mortais angústias, supplica-lhe um pouco de calor da sua corola, que a oculte nas suas viscosas pétalas, que lhe dê vida, que a salve. Compadecida, a Primavera acode, com mil carinhos, em auxílio da Flor de Inverno: inclina a haste para ampará-la, derrama-lhe no cálice o perfume que trasborda do seu, cobre-a com as suas folhas para que o sol não lhe abrevie a existência; e, entre frases de gratidão e tristeza, também trocam frases de amor e pasageira felicidade!

“Passageira felicidade, sim! Enquanto estas flores enamoradas se esquecem do implacável destino que determina a sua separação, a Natureza continua preparando os seus atavios: o calor difunde-se, a luz torna-se diáfana, o sol aviva os seus

pesado cristal que cobre o solo. A neve recebe-a no seu gelado seio, e aí se desenvolve, rasgando o branco sudário para procurar as tibias carícias do sol invernal.

“Os primeiros raios do sol de Abril matam-na. Gosa da Primavera apenas um curto momento.

“Quando esta pobre florinha começa a esvaecer, a sua haste perde o apoio em virtude do derretimento da neve, e a corola falta-lhe o frio ambiente que a conservava. Aos primeiros sintomas de agonia, desabrocha junto dela, ao pé dum regatosinho, quasi que entrelaçando as suas raízes com as dela, a encantadora flor de Março — a

raios, a neve acaba de fundir-se, os pássaros cantam, as flores desabrocham... Então, a pobre Galantina fenece nos braços da sua adorada Primavera.

“O seu amor durou só um dia.

“Amar e morrer!...

É esta a história que Alphonse Karr ouviu contar às flores, porque a sua alma de poeta sabia compreendê-las.

Amar e morrer... Mas, no ano seguinte, a vida recomeçará com o seu encanto de sempre.

Lembrem-se de que, alguns meses depois, ao cobrir-se novamente de neve, o cimo das montanhas, a Flor de Neve despedaçará o seu cárcere, para voltar a ser rainha nessa vertente deserta, onde brilharam cheias de vaidade outras flores que o frio matou sem a menor compaixão. A Galantina, louçã e vigorosa, voltará a erguer-se à procura da sua amiga Primavera que chegará apenas para lhe assistir aos derradeiros momentos...

Sobre a morte renascerá a vida sempre bela, sempre curta e sempre cheia de contrariedades. Quando mais agradaria viver, é que surge a foice impiedosa do Destino. A Galantina morre entre os beijos da Primavera quando começava a gostar do sol e do ciciar da brisa.

É assim a vida das flores, é assim a vida da gente!

A Primavera Quadro de Botticelli





«Adão e Eva» — quadro de Rubens

aventuras de seu filho Marcantônio que tanto se distinguiu na famosa batalha de Lepanto. Essa esplêndida tela, atribuída a Rafael... e a Júlio Romano, diz-nos tudo isso, relata-nos, pormenor por pormenor, a acidentada existência da formosa Joana que teve o condão de inspirar poetas e pintores.

Pois na Galeria Doria Pamphili, de Roma, existe uma tela idêntica à do Louvre, dando a idéa dum gravíssimo plágio. É atribuída a Leonardo de Vinci, e, com efeito, tem bem os traços da «Monna Lisa», do grande mestre florentino.

Rafael Sanzio teria plagiado o pintor da «Giocconda»?

Eis o que parece apurado: Um pintor da escola de Rafael, tendo a intenção de pintar o retrato de Joana de Nápoles, aproveitou o esboço que Leonardo de Vinci fizera para o retrato da «Gentildonna», que se encontra hoje na Galeria Dória Pamphili, de Roma.

Copiou-o sem mais escrúpulos e meteu-lhe tinta à moda de Rafael. Anal a semelhança de traços e a absoluta deficiência de pormenores.

As duas telas andaram, cada uma por seu lado, até que tiveram a consagração dum lugar de museu.

Que a «Gentildonna», seja de Leonardo de Vinci, não o contestamos. Resalta ali a Mona Lisa que tanto apaixonou o glorioso pintor florentino, e da qual o artista teve sempre os olhos cheios até à hora da sua morte.

Rafael, o divino Rafael é que não desceria nunca do seu plinto de glória a plagiar Leonardo de Vinci, seu rival, seu contemporâneo e, portanto, seu inimigo.

Apesar da desproporção de idades — Leonardo de Vinci morreu com 67 anos em 1519 e Rafael Sanzio com 37 no ano seguinte — levaram o melhor do seu tempo a degladiar-se num legítimo anseio de triunfar.

«Retrato da gentildonna», atribuído a Leonardo de Vinci



MISTÉRIOS

Rafael Sanzio plagiou

E o orgulhoso Rubens teria descido a

Como poderia Rafael plagiar Leonardo, ou vice-versa?

Vê-se que uma tela é cópia da outra e que não podia haver coincidência de ideias. De resto, se assim fosse, qualquer dos dois colossos teria inutilizado o seu trabalho ao reparar na semelhança com o do seu rival. Conheçam-se e andavam em dia com as obras de cada um, como ainda hoje sucede e como sempre sucederá.

Poderemos dizer o mesmo de «Adão e Eva», de Rubens que é uma cópia flagrante do «Peccado original», de Ticiano? Os dois quadros encontram-se no Museu do Prado para quem os quizer ver.

Ticiano, o insigne chefe da escola veneziana, morreu com 99 anos de idade em 1576, isto é, um ano antes do nascimento de Rubens. Embora o «Peccado original» não seja das melhores obras deste colorista incomparável, marca bem o vigor da pinelada do mestre que nunca envelheceu.

Como se compreende que o orgulhoso Pedro Paulo Rubens, que se tinha na conta de ser o mago do brilho do colorido, da energia de desenho e da fecundidade de imaginação, se apoucasse pla-

ARTISTICOS

Leonardo de Vinci?

copiar o «Peccado original» de Ticiano?

giando um dos quadros do grande mestre veneziano?

Para darmos uma impressão da vaidade de Rubens citaremos a sua frase ao admirar um quadro anônimo perdido na solidão dum velho claustro flamengo: «Este pintor quasi me ofuscava, e, no entanto, eu sou Pedro Paulo Rubens!»

Afirma-se também que o braço da Madalena da «Descida da Cruz», que o pintor executou para a Catedral de Antuerpia, sua cidade natal, não é de Rubens, mas de Van-Dyck, seu discípulo.

Eis a história:

Tendo Rubens concluído este quadro, fechou o atelier e foi passar uns dias a uma cidade próxima. Os seus discípulos, roídos de curiosidade, quizeram ver a obra do mestre, apesar das rigorosas instruções que este tinha deixado. Se bem o pensaram, melhor o fizeram. Abriram o atelier com uma chave falsa e passaram a criticar o quadro, como melhor lhes pareceu.

— Aqui tem pouca luz — disse Van-Thulden — vejam agora...

E puxou o cavalete mais para a frente da janela.

— Fica melhor assim — retorquiu ou-



«Retrato de Joana de Aragão», atribuído a Rafael Sanzio

tro — quem ver?

E puxou-o para outro lado. Nestes puxões, a tela desequilibrou-se e foi parar ao chão, danificando-se o braço da Madalena.

Calcule-se a aflição dos rapazes! Quando o mestre chegasse, quem é que poderia aturá-lo?

Salvou a situação o irrequieto Van-Dyck que, tomando a paleta e os pinceis, começou a retocar o braço da pecadora de Magdala, desde o punho até o cotovelo. Levou tempo — lá isso levou — mas ficou uma obra asseada.

Quando Rubens voltou, não lhe passou despercebida a diabrura dos seus discípulos. Quando lhe contaram a verdade, não se zangou como seria de calcular. Mirou novamente o retoque e disse para Van-Dyck:

— Não está mau de todo. Deves ir longe, rapaz! Já agora, não lhe mexo porque o teu trabalho não me envergonha. Vejo que não tem sido em vão que te tenho ensinado.

E o quadro lá foi para o seu destino, e ficou sendo uma das obras mais belas deste fecundo pintor.

Devemos ter em conta que a pior fatalidade que caiu sobre Rubens foi a espôsa que escolheu — a voluntariosa Helena Fourment — e que subjugou sempre este artista de tão largos vãos. Esta mulher impôs-se de tal maneira que não consentia que o seu marido tivesse outro modêlo que não fosse ela. Assim, o quadro «Julgamento de Páris», apresenta-nos as três deusas perfeitamente iguais, isto é, a Helena Fourment em três posições diferentes. Outros pintores, que nunca atingiram a fama de Rubens, ficaram com a convicção de que uma foi copiada da outra.

Ora, se Ticiano morreu quasi centenário, um ano antes do nascimento de Rubens, não se compreenderia que o pintor veneziano plagiasse o adorador de Maria de Médicis. Seria para fugir à tirania da espôsa que se decidiu a copiar o quadro «Peccado original», de Ticiano, visto não ca-recer assim de modêlo?

Mas isso seria um plágio o que ficaria apoucando através dos séculos... Que seria feito do seu orgulho tão fortemente vincado?

E se o quadro que lhe é atribuído não fosse dêle, mas dum copista engenhoso que pretendesse comprometê-lo?



«O Peccado original» — quadro de Ticiano

tadas, de grandes ancas e adiposidades pouco próprias dum concurso de beleza. Estamos convencidos de que se o pastor Páris, ao ter de escolher a mais bela, encontrasse pela frente as três mulheres que Rubens retratou, não entregaria o cubicejo pômo aureo a qualquer delas, acabando por encerrar o debate por falta de provas.

«As três graças» são ainda a inevitável Helena Fourment, e assim sucessivamente em tôdas as obras de Rubens em que tenha de figurar o nú.

Que o retrato de Joana de Aragão atribuído a Rafael Sanzio não é dêste glorioso pintor, mas sim uma cópia da «Gentildonna», de Leonardo de Vinci, executada por qualquer discípulo do artista excelsa da Madonas, é absolutamente evidente. O pintor genial da Fornarina não copiaria uma obra do seu inimigo e rival Leonardo.

Mas o quadro «Adão e Eva», de Rubens que tôda a gente admira no Museu do Prado? Não tentamos suggestionar os nossos leitores. Limitamo-nos a pedir-lhes que confrontem as duas telas que acima reproduzimos. Olhando para o quadro de Ticiano e para o de Rubens, ficaremos com a convicção de que uma foi copiada da outra.

Ora, se Ticiano morreu quasi centenário, um ano antes do nascimento de Rubens, não se compreenderia que o pintor veneziano plagiasse o adorador de Maria de Médicis. Seria para fugir à tirania da espôsa que se decidiu a copiar o quadro «Peccado original», de Ticiano, visto não ca-recer assim de modêlo?

Mas isso seria um plágio o que ficaria apoucando através dos séculos... Que seria feito do seu orgulho tão fortemente vincado?

E se o quadro que lhe é atribuído não fosse dêle, mas dum copista engenhoso que pretendesse comprometê-lo?



CONTA-SE que recentemente duas jovens inglesas chegaram a Nice e dirigiram-se a um clube dispostas a ocupar o tempo jogando xadrez. Era cedo e as salas estavam desertas.

Só a um canto um velho simpático se entretinha diante do taboleiro. Com a desinvoltura característica das mulheres do seu país, uma das *misses* convidou-o para jogar. O sujeito aceitou e pouco depois a sua adversária dava-lhe o primeiro xeque-mate.

Decorreu algum tempo, durante o qual a *miss* ganhou com regularidade. Por fim, entrou na sala mais gente que se dirigia ao jogador com grande deferência e tratando-o por Majestade.

Era de facto Gustavo V, rei da Suécia, que se encontra a veraneiar em Nice, e que é um apaixonado do xadrez.

A jovem inglesa ao conhecer o facto balbuciou algumas desculpas:

— Mas... Majestade... Peço-lhe que me perdõe se...

— Pelo contrário. Deu-me muito prazer jogar consigo e perder. Devo confessar-lhe que começava a estar inquieto com a circunstância de ganhar tôdas as vezes que jogo com os meus palacianos.

— Mas, afinal, que invento deseja o sr. registar?

— Um processo de tornar o carvão incombustível.

Um missionário inglês procura catequizar um negro das possessões britânicas. Já lhe explicou em que consiste a vida eterna e que recompensas aí serão dadas aos que morrerem em graça. Para ver se foi bem compreendido, pergunta-lhe:

— E então, gostarias de ir para o Paraíso?

— Hum! — fez o preto desconfiado. — Se êle fôsse tão bom como diz já os ingleses o teriam conquistado.

Dois amigos viajam de barco. Um dêles está atormentado por um terrível enjôo. O outro procura distraí-lo, convencido de que isso lhe fará algum bem. E inventa pretextos para o fazer sair do beliche:

— Anda ver uma baleia!



E daí a pouco.

— Vem ver um bando de tubarões!

— Vem aí outro barco. Queres ver?

Mas o amigo não se mostra já com forças para dar dois passos. E responde-lhe em voz débil.

— Não; chama-me só quando vires passar um carro eléctrico.

Confidências de homens casados.

— E tua mulher também fala muito?

— Se fala! tenho a certeza de que se eu ficasse de repente surdo-mudo ela levaria pelo menos uma semana a dar por isso.

A' entrada da estação do Rossio uma senhora diz para as pessoas que a acompanham.

— Não quero que se incomodem mais. Podemos despedir-nos aqui e escusam de gastar dinheiro no bilhete de *gare*.

Ao que um sujeito que a acompanha retorquiu solícito:

— Mas, de modo nenhum. Vê-la partir vale seguramente os oito tostões.



O capitão do navio discutia acaloradamente com os oficiais de bordo quando

uma passageira idosa se acercou dêle e inquiriu do que se passava.

— Partiu-se a hélice — respondeu êle de mau humor.

— Ora não se apoquente! E' uma cousa que está debaixo de água e quasi ninguem dá por ela.

— Mamã o Pai Natal sabe falar português?

— Certamente, meu filho. Mas porque perguntas isso?

— E' que na noite em que foi pôr

os brinquedos na chaminé deu uma canelada na mesa da cosinha e disse a mesma palavra que o pai quando há dias entalou um dedo na gaveta da secretária.

— Venha passar a tarde connosco. Minha mulher toca piano e minha filha canta. E às oito horas jantamos.

— Então lá estarei às oito.

Na «Ordem de dia» dum quartel: «Três dias de detenção ao soldado F... que, tendo saído do quartel a hora indeterminada, só regressou três horas mais tarde».

No regresso duma reunião familiar, a mulher dirige censuras ao marido sôbre a forma como êle se comportou.



— Parece incrível! Enquanto estivemos a jogar pergun-

taste mais dum cento de vezes o que era trunfo.

— Então filha. Era para mostrar que tomava grande interêsse no jôgo.

— Há muito tempo que não vejo o Sousa.

— Abriu um estabelecimento e está preso.

— Mas abrir um estabelecimento não é crime...

— Pois sim. Mas foi de noite e o estabelecimento não era dêle.

— Mamã — perguntou o Tomaz ao voltar da escola — Disseram-me que o homem é feito de pó! Será verdade?

— E' sim meu filho.

Tomaz refletiu um bocado e disse:

— Então qualquer dia aparece-nos um homem no sótão...

— Conheces algum remédio para evitar estar constantemente a apanhar constipações?

— E' simples.

Basta conservar sempre a mesma.



# DUAS NOVAS UNIDADES DA ARMADA NACIONAL

## A chegada ao Tejo

do  
aviso «Afonso de Albuquerque»,  
e do  
submarino «Espadarte»,

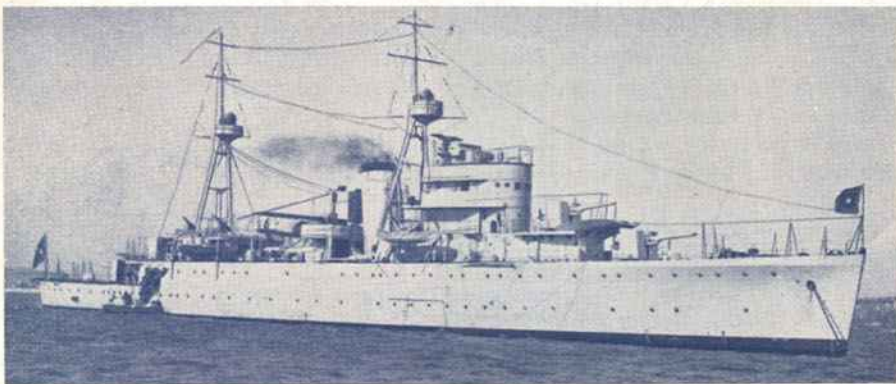
No dia 7 do corrente, deram entrada no nosso porto mais duas unidades destinadas à Armada Nacional, construídas em Londres segundo o plano de ressurgimento naval que o Governo empreendeu.

O primeiro desses novos barcos de guerra é o aviso de 1.ª classe «Afonso de Albuquerque» que tem características de cruzador ligeiro. De linhas elegantes, mede 103 metros de convés. Está fortemente artelhado e transporta um hidroavião para vôos de reconhecimento e correcção de tiro.

A outra unidade é um submarino de alto-mar, o «Espadarte», dotado dos últimos aperfeiçoamentos e de modelo igual aos mais recentes barcos do género da Armada britânica.

O «Afonso de Albuquerque» e o «Espadarte» chegaram à baía de Cascais ao romper do próprio dia em que entraram em Lisboa. Aí fundearam afim de se ultimarem os preparativos da recepção que a capital lhes ia fazer. Retocaram-se as pinturas, puliram-se os metais para que ambos os barcos aparecessem à multidão na plenitude da sua inegável elegância.

Em câmara ardente armada num dos



Cêrca das 16 horas, o «Afonso de Albuquerque» levantou ferro e pôs-se em marcha em direcção à barra. Seguiam-no o «Espadarte» e o «Delfim».

A passagem dos barcos a curta dis-

ções entre os navios e o forte, por meio de bandeiras de sinais.

*As linhas elegantes do novo aviso de 1.ª classe «Afonso de Albuquerque»*

Pouco mais adiante veio ao encontro dos novos barcos a flotilha que largara do Tejo para os ir esperar e que era constituída pelos vapores «Trás-os-Montes» e «Rio Tejo», o ferryboat «Norte-Expresso», os rebocadores «Cabo Raso», «Agulha», «Val de Zebro» e «Capitania», além de muitos gasolinas e embarcações ligeiras.

Ao passar junto da Torre de Belem a artilharia do «Afonso de Albuquerque» deu uma salva de 21 tiros. O navio embandeirou nos topes e a tripulação alinhou na tolda em continência. Era a saudação à terra. Respondeu-lhe com outra salva o forte do Bom Sucesso.

*O trahordo da urna do tenente Manso Lefevre, do «Afonso de Albuquerque» para o caça-minas «Vulcano»*

Em todos os pontos altos de Lisboa donde o espectáculo do rio podia ser admirado, apinhava-se uma densa multidão. Su-

biam no ar, por entre o clamor das se-reias, girândolas de morteiros e foguetes.

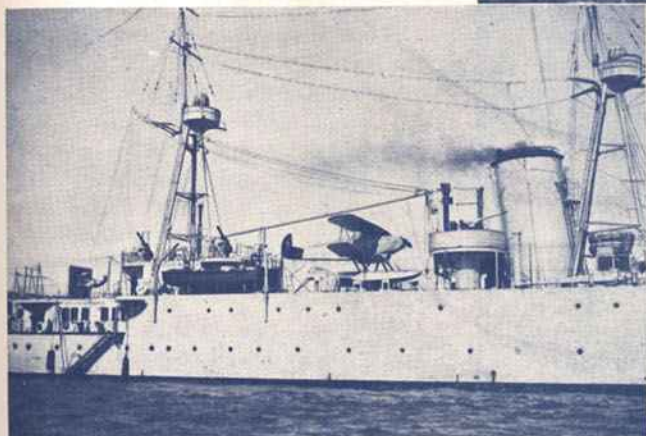
O chefe do Governo e ministros, bem como muitas individualidades políticas assistiram, das janelas do Ministério da Guerra voltadas ao Tejo, ao desfile do «Afonso de Albuquerque» e dos submarinos «Espadarte» e «Delfim».

Os navios descreveram depois uma curva larga para fundear. Soaram toques de sentido nas outras unidades da esquadra, cuja marinagem formou nas toldas. E a artilharia da fragata «D. Fernando» e do «Carvalho Araujo» troou, dando as boas vindas aos recém-chegados.



tância de terra provocou grande interesse entre o público que nalguns pontos se manifestou entusiasticamente. Em frente da torre de S. Julião trocaram-se sauda-

*A esquerda: um trecho do «Afonso de Albuquerque», sendo-se o apido ligeiro que lhe condiz. Em baixo: o novo submarino «Espadarte», no momento de amarrar a boia*



apostos destinados ao almirante, transportava o «Afonso de Albuquerque» a urna que contém os restos mortais do 2.º tenente Manso Lefevre, falecido em Londres, e filho do sr. dr. Joaquim Manso, director do «Diário de Lisboa». O caça-minas «Vulcano» dirigiu-se então à baía de Cascais onde recolheu a urna do desditoso oficial, cujo enterro constituiu impressionante manifestação de saúde.



Foi Vitor Hugo que disse numa poesia célebre que os mortos esquecem depressa:

*Les morts vont vite.*

Os mortos esquecem depressa, é certo, mas não áqueles que os choram com lágrimas sinceras. Um filho que morreu não esquece, se tinha pais que merecessem essa designação, e os pais mortos também nunca filhos que souberam sê-lo os esquecerão.

Esta frase aplica-se, mais intimamente, aos mortos que alguma coisa fizeram, em sua vida, para serem lembrados pelos seus compatriotas e alguns até pelo seu próximo em geral, e que infelizmente, mal assente a última pazada de terra ou fechada a porta do jazigo, logo começam apagando-se na memória dos seus contemporâneos.

Quasi sempre são as gerações futuras que vão buscar às trevas do esquecimento nomes que sempre deviam andar em plena luz.

De entre as classes que mais beleza dão à vida, podemos escolher os artistas de teatro como sendo aqueles cuja glória é mais transitória e cujo nome mais depressa se apaga na memória das gentes.

Os escultores, os pintores, os músicos e os escritores deixam, após si, quando desta vida se desprendem, marcos assinando a sua passagem pela Terra.

Quadros, esculturas, músicas e livros ficam lembrando, pelos séculos fora, os espíritos que os conceberam, agüentando a pedra do olvido que ameaça cair-lhes em cima.

Que seria feito de Dante, do Ticiano, do Rodin, de Wagner, de Cervantes, de Espronceda e de Camões, se não fôssem as labaredas que se levantam, cada vez mais altas, das suas obras, iluminando nos céus da Fama os seus nomes?...

Se em vez de enveredarem, uns, pelos domínios do pincel e do burfl, outros, pelos jardins das musas e da harmonia, lhes tem dado para afivelar a máscara da tragédia ou da farsa, quem se lembraria já deles?

Quando muito teriam o nome na esquina duma rua ou travessa, num bairro retirado, e já andavam com sorte.

O artista que no palco exhibe seus talentos cria uma obra de beleza que dura enquanto a sua presença em cena se mantém.

O seu esforço recebe logo ali, em seguida á manifestação dos seus vários

matizes, a recompensa — o aplauso do público, que ás vezes chega a ser uma apoteóse de glória. Mas essa glória é assim como um banquete que se oferece a um esfomeado que, digestão feita, continua com fome, até que chegue outra oportunidade para um lauto festim.

O público esquece depressa os seus

## UMA RECORDAÇÃO E UMA SAÜDADE

ídolos, e as suas próprias exaltações não deixam marca no seu sentir.

Muitas vezes nem é preciso que o actor morra para ser esquecido, basta que desapareça anos, meses, semanas mesmo, para que as multidões apaguem a sua vela e acendam outra nova a um moderno engodo.

Vem tudo isto a propósito de uma actriz que foi adorada, adulada e admirada como poucas, e que morta agora já não lembra a ninguém ou a poucos lembrarão.

Angela Pinto, a quem me apraz dedi-



car esta página de recordação e de saudade, morreu em 9 de Março de 1925 — dez anos já — e não vejo a lembrança que dela devia ter ficado.

Os aniversários da sua morte passam quasi despercebidos. Pois foi uma grande actriz, essa mulher agora esquecida — que para a lembrar não basta o seu nome numa rua afastada. O seu talento saltitava, com uma facilidade incrível, na revista, na opereta e no drama com o mesmo encanto e a mesma graça.

Foi uma *Lagartixa* buliçosa, como foi uma *Zázá* comovente, depois.

Só não gostei dela no *Pai* de Strundberg, cujo protagonista era o Ferreira da Silva, outro esquecido.

Ela representava uma mulher odiosa, e não conseguira convencer naquela personagemem.

Eu disse-lhe:

— Olha lá, tu não estás bem nesse papel, não és má como quere o autor.

E ela, então, com um ar muito compungido, respondeu-me:

— Como queres tu que eu me compenetre do meu papel, se tenho imensa pena do Ferreira da Silva?

O Ferreira da Silva era quem na peça lhe aturava tôdas as maldades.

Esta resposta define-a bem.

Acima de tudo Angela tinha uma grande alma.

No meu livro, *Tagarelites*, dediquei-lhe um capítulo em que pus bem a claro os primores do seu coração e da sua arte.

Nunca mais conseguirei escrever nada a seu respeito tão expressivo.

As emoções fortes não se repetem.

E êsse capítulo foi escrito, sob uma impressão dolorosa que me foi dada por um pedido seu, quando da doença que a vitimou: que dissesse bem aos outros, que ela não era só essa estouvada que julgavam, que fizesse eu luz sôbre a sua alma incompreendida.

E ela morreu antes de publicado êsse livro, e eu nunca me consolarei da pena que me fez não ter podido dar-lhe a certeza do cumprimento da minha promessa.

No *Reino da Bolha*, a inesquecível revista de Eduardo Schwalbach, Angela representava a *Telha*.

E tinha "telha," a Angela, mas como eu disse, no meu livro já citado, essa "telha," era ainda um reflexo da sua alma, era a *revanche* da incompreendida.

Mercedes Blasco.

# VIDA ELEGANTE

## Festas de caridade

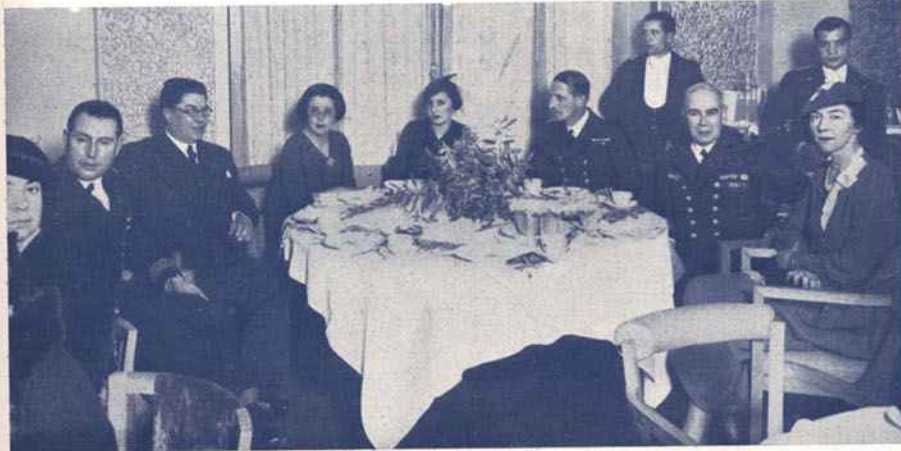
TARDE DE CINEMA

Na tarde de quarta-feira próxima no aristocrático São Luis Cine, gentilmente cedido pela empresa A. Ramos Limitada, realiza-se uma interessante festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que é presidente a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, e da qual fazem parte D. Belém de Montesinos, Condessa de Proença-a-Velha, Condessa de Taboeira, D. Constança Pessanha, D. Emília de Tapia, D. Helena de Moura, D. Maria Georgina Oom, Marquesa do Funchal, e D. Palmira Diogo da Silva Somer, e cujo produto se destina a favor do Patronato de S. Sebastião da Pedreira, simpática instituição

guintes: D. Ana Teles da Silva Pacheco, D. Eugénia Teles da Silva Pacheco, D. Maria Cecília de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria Eugénia Valente Moreira Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Helena Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria Luisa Santos Silva Roque



*Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ilda Lucinda Soares Vieira com o tenente de artilharia sr. Artur Vicente de Mendonça Carvalho*



sr.<sup>a</sup> D. Rosária Rodrigues, esposa do ilustre ministro da Justiça, e de que faziam parte as sr.<sup>as</sup> D. Alda Machado Santos, D. Maria de Carvalho, D. Maria Eduarte Lapa, D. Maria Emília de Sousa Costa, e os srs. Jorge Colaço, Matoso da Fonseca, Varela Aldemira e Visconde de Idanha.  
As duas festas infantis foram decerto neste género o «clou» da época de carnaval.

### CHÁ «MAH-JONG»

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazia parte D. Beatriz Coulson Lobo de Costa, D. Carlota Cordeiro da Silva Alvares Guerra, D. Carlota de Noronha, condessa de Estarreja, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Emília dos Santos Freire, D. Helena Augusta Fernandes de Moura, D. Isaura de Oliveira, D. Júlia Isabel de Alarcão Pinto de Almeida Massano, D. Luísa Maria de Oliveira Leça da Veiga, D. Maria da Conceição Teixeira Ferreira de Magalhães Correia, D. Maria das Dores Ferros Marques da Silva, D. Maria da Glória Braga Paixão, D. Maria Leonor Cordeiro Feio de Noronha, D. Maria Tereza Negrão, marquesa do Funchal, D. Palmira Diogo da Silva de Somer, viscondessa de Balsemão e viscondessa de Sá da Bandeira, realizou-se na tarde de quinta-feira 28 de Fevereiro último, nos magníficos salões do Grémio Lírico Português, ao Calhariz, palácio Palmela, um «chá Mah-jong» de caridade, cujo produto se destinava a favor da Assistência Social e Moral dos Bairros Pobres da Capital, tendo também havido uma festa infantil, que decorreu no meio da maior animação e alegria, como sucede sempre em festas deste género, a que a miudagem emprestou um extraordinário clorido.

que apesar de recentemente fundada, já sustenta e educa perto de 125 crianças pertencentes à freguesia.

O programa que está sendo organizado com verdadeiro critério artístico é composto de filmes e de vários números de variedades.

Os poucos bilhetes que restam para esta elegante festa de caridade, que decerto vai atrair ao São Luis Cine, uma enorme e selecta frequência, estão à venda no camaroteiro do aristocrático salão.

### NAS BELAS ARTES

As duas últimas tardes infantis de caridade, que uma comissão de gentis senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte as se-

de Pinho (Alto Mearim), D. Maria Manuela de Sousa e Melo, D. Maria Teresa de Castro Pereira Guimarães e D. Matilde Santos Silva Roque de Pinho (Alto Mearim), levou a efeito no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, nas tardes de domingo e terça-feira gorda, durante os quais se realizou um interessante concurso de crianças mascaradas, a que assistiu um júri de que era presidente a

*Um aspecto do chá oferecido pelo sr. ministro da marinha à oficialidade da Esquadra Inglesa no Palácio Hotel do Estoril*

*Assistência ao banquete no Casino Estoril oferecido ao campeão da Polónia, Mr. Floczynski que tomou parte no Torneio Internacional de Tennis do Estoril (Inverno) e ao qual se seguiu a distribuição de prémios*





*Casamento da sr. D. Zulmira de Lima Vidal, com o sr. Gaspar Ribeiro Pereira do Sameiro, realizado em Carcavelos. Os noivos saindo da Igreja. (Foto Serra Ribeiro)*

gusto de Lima Vidal, como sr. Gaspar Ribeiro Pereira do Sameiro, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Cruz Pereira Ribeiro e do sr. Gaspar Ribeiro, já falecido.

Serviram de madrinhas a sr.<sup>a</sup> D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. dr. Francisco Ferrão de Castelo Branco e Roberto Ribeiro Ferreira de Sameiro.

O acto religioso, que se efectuou na igreja de Carcavelos, foi celebrado pelo tio da noiva Sua Excelencia Reverendissima o sr. Arcebispo de Ossirinco D. José Evangelista de Lima Vidal, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua

benção. Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa da «Vila Oriental» elegante vivenda dos pais da noiva, um finíssimo lanche da Pastelaria «Ferrari», partindo os noivos depois para o Gerez, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Após o registo civil de que foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Gomes Vieira e o sr. dr. Orlando Marçal, e por parte do noivo, seus primos a sr.<sup>a</sup> D. Adelaide da Costa Carvalho e o sr. dr. Eduardo Aires Leonardo de Mendonça, que se fez representar pelo capitão sr. Emídio Crujeira de Carvalho, realizou-se na paróquia de Santa Isabel, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ilda Lucinda Soares Vieira, com o distinto tenente de artilharia, sr. Artur Vicente de Mendonça Carvalho, tendo servido de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Alice Aires de Mendonça, tia da noiva e D. Paula Edviges de Mendonça Carvalho, mãe do noivo, e de padrinhos os srs. Artur Borrego e capitão Henrique da Costa Carvalho.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos grande número de valiosas prendas.

Effectuou-se na igreja matriz de Almada, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Leal de Matos, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Alzira de Matos e do sr. João Pereira de Matos, com o sr. dr. Joaquim José de Paiva Correia, secretário do ilustre Ministro da Instrução, servindo de padrinhos, por parte da noiva, a sr.<sup>a</sup> D. Clementina Leal e o sr. Jaime Leal e por parte do noivo, sua mãe e o sr. dr. José de Figueiredo Dias.

Terminada a cerimónia foi servido um finis-

simo lanche, sendo oferecido aos noivos um grande número de artísticas prendas.

— Na capela da Quinta da Piedade, em Algés, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Bon de Sousa Calheiros, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Georgina Bon de Sousa Mexia Calheiros e do sr. Carlos Maria Calheiros, já falecido, com o sr. Eduardo de Araujo Parreira Dezonne Fernandes de Oliveira, filho da sr.<sup>a</sup> D. Joana Augusta de Araujo Lacerda Parreira Fernandes de Oliveira e do sr. Eduardo Fernandes de Oliveira.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a sr.<sup>a</sup> D. Joana Bon de Sousa Plantier, e padrinhos o sr. José Gomes de Sousa Leal e o pai do noivo.

Celebrou o acto religioso Sua Eminência Reverendissima, o Senhor Bispo de Beja, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo, em Algés, um finíssimo lanche da Pastelaria «Marques», recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia de S. Mamede, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Manuela Machado Pereira, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Eliza da Silveira Machado Pereira e do sr. Eduardo Alberto Pereira, com o distinto engenheiro sr. Francisco Henriques Rodrigues, filho da sr.<sup>a</sup> D. Matilde Henriques Rodrigues e do sr. dr. José Agostinho Rodrigues.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus pais e por parte do noivo seus tios, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Henriques de Freitas e o sr. António Justino Henriques de Freitas, ausentes no Funchal, que se fizeram representar pelos pais do noivo. Findo o acto religioso, foi servido no salão de mesa do Aviz Hotel, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Para seu filho Norberto, foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Maria Clara da Silva Raposo, esposa do sr. José Raposo, a sr.<sup>a</sup> D. Estefânia do Carmo Machado, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Lucinda do Carmo Machado e do sr. José Peres Machado, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Pelo sr. Bento Guilherme das Neves Ferreira, foi pedida em casamento, para seu filho Alberto, a sr.<sup>a</sup> D. Ana do Carmo Machado, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Lucinda do Carmo Machado e do sr. José Peres Machado.

— Realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Otília dos Anjos Mendes Cardoso, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Eugénia Mendes Cardoso e do sr. António Alberto Cardoso, com o sr. José Coutinho Garcez, filho da sr.<sup>a</sup> D. Zulmira Coutinho e do sr. Joaquim Pereira Garcez, já falecido, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. Francisco Coutinho Garcez.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

D. Nuno.

Houve partidas de «Mah-Jong», «Bridge» e «Bluff» e serviço de «chá».

A comissão organizadora deve estar plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto mundano, como financeiro.

### Carnaval elegante

«NOS SALÕES PARTICULARES»

Entre os bailes realizados durante a quadra carnavalesca, são dignos de nota especial, os efectuados nos aristocráticos clubs Tauromáquico e Grémio Literário, organizados pelas respectivas direcções. Em ambos a sua frequência escolhidíssima, marcou, como ha muito se não fazia notar em festas desta natureza, não só pela sua elegância, como sobre tudo pela qualidade.

As direcções das duas colectividades, devem estar plenamente satisfeitas pela forma, como decorreram as suas festas, tanto sobre o aspecto mundano, como pela animação.

«NOS SALÕES PÚBLICOS»

Nestes, os dignos de nota são sem contestação os efectuados nos salões do Aviz, Hotel Avenida Palace, e Hotel Borges, em Lisboa e do Casino Estoril, na Costa do Sol, dos de Lisboa, teve a primazia os realizados no primeiro, nas noites de sabado e terça feira gorda, sobre tudo no segundo dia, em que excedeu toda a nossa expectativa, e da Costa do Sol durante as quatro noites de carnaval, em que os salões do Casino Estoril regorgitaram de uma selecta assistência, em que se notavam não só as inumeras familias estrangeiras, que se encontram passando o inverno na Costa do Sol, como tambem muitas familias da nossa sociedade elegante, tanto de Cascais e Estoril, como de Lisboa.

### Diplomatas

O ilustre Embaixador do Brasil, em Portugal sr. dr. Adalberto Guerra Duval, ofereceu no Palácio da Embaixada, á rua António Maria Cardoso, um banquete em honra do actor brasileiro Procópio Ferreira, ao qual foram convivas, além do homenageado, os srs. tenente coronel Mendes de Moraes e esposa, D. Ester Leão, Erico Braga e esposa, Nascimento Fernandes e esposa, coronel Cristovão Aires, Pedro Bordalo Pinheiro, Georges Le Lorrain, Artur Vieira da Rosa, dr. Abelardo Bueno do Prado, e esposa, dr. Alvaro Teixeira Soares e esposa, dr. Rafael Corrêa de Oliveira e esposa.

### Casamentos

Em Carcavelos, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Zulmira de Lima Vidal, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Constança de Lima Vidal e do sr. Au-

*Grupo da assistência ao jantar oferecido pelo secretário da embaixada do Brasil, em Portugal, que acaba de ser transferido para o Japão, sr. dr. Moreira de Abreu. Da esquerda para a direita, sentados: D. Margarida de Armendariq del Castillo, miss Chimplun Frank W. Lee, D. Luzia Moreira de Abreu, senhora de Chimplun Frank W. Lee e D. Aida Barreiros Pinto Ferreira, e em pé: Carlos de Vasconcelos e Sá, ministro da China, dr. Moreira de Abreu, dr. Carlos Pinto Ferreira e Adolfo Vieira da Rosa*

(Foto Serra Ribeiro)



Presidente Masarik



No dia 7 deste mês completou 85 anos de existência o venerando Presidente da República da Checo Eslováquia, professor Tomaz Masarik. Comemorando essa data realizaram-se no seu país grandiosas manifestações em que todo o povo prestou homenagem à obra magnífica do Chefe de Estado, glorioso paladino da independência checa. Masarik acaba de se restabelecer duma grave enfermidade e esse facto veio aumentar o significado da consagração que lhe foi feita. O Presidente da República portuguesa enviou ao ilustre estadista um telegrama de saudações.

# POR ESSE MUNDO...

A ânsia de velocidades maiores



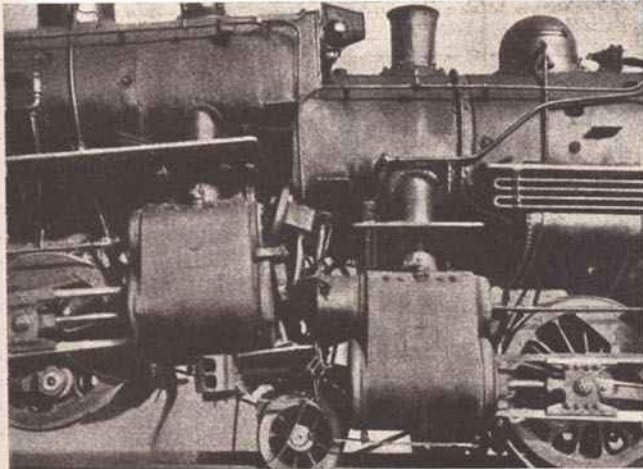
MALCOLM CAMPBELL, detentor do «record» da velocidade em automóvel, voltou a correr na praia de Dayton, decidido a exceder-se a si próprio. Uma violenta rajada de vento que impeliu o carro foi causa dum acidente de que felizmente saiu ileso.

A abdicação do rei siamês



O rei Prajadhipok do Sião tornou pública no dia 3 do corrente a sua abdicação ao trono. Embora o facto fôsse de há muito previsto, a notícia causou sensação tanto na Europa como em Bangkok, capital do seu reino. Na mensagem de renúncia o soberano siamês explica os motivos que o levam a tomar essa decisão e que derivam de não aceitar a actual situação política do seu país, instaurada por um golpe de força em Junho de 1932. Afirma a sua fidelidade aos princípios constitucionais.

Acidente ferroviário



Dois comboios canadianos chocaram ultimamente, devido a uma manobra errada. As locomotivas ficaram na posição que a gravura representa morrendo um engenheiro.

Desastre da aviação

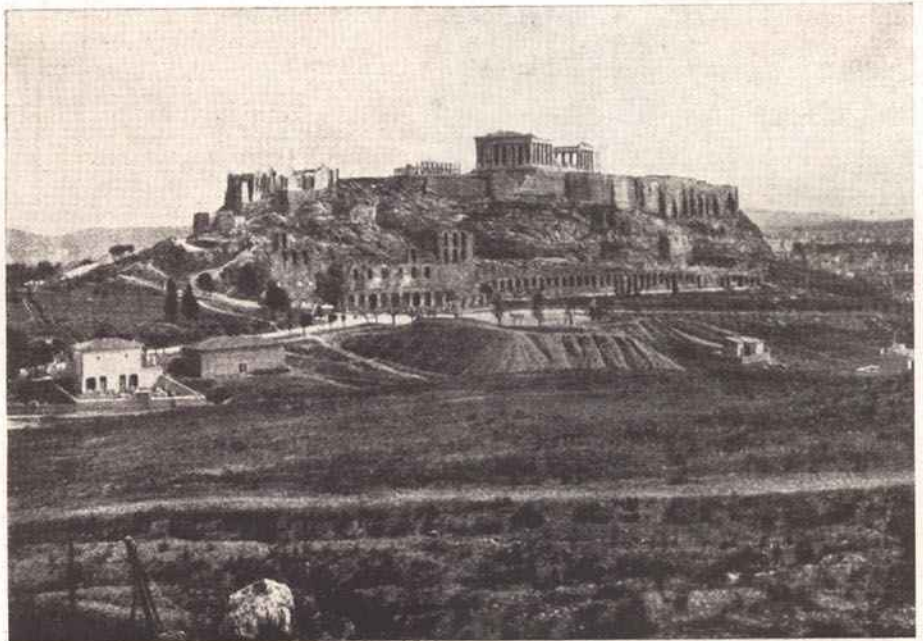


No bairro de Castro Caminõs, em Madrid, um avião despenhou-se sobre uma escola. Morreu nma criança e ficaram quatro feridas. O piloto aviador tambem ficou morto.



O movimento revolucionário na Grécia

ACABA de produzir-se na Grécia um movimento revolucionário chefiado pelo antigo estadista Venizelos, que se propunha derrubar o Governo de Tsaldaris. Pronunciaram-se a favor dos revoltosos uma grande parte da Marinha de Guerra e algumas guarnições da Macedónia e da Trácia. O Governo de Atenas organizou a repressão com as forças de que dispunha e entre as quais se contava a aviação de bombardeamento. Uma campanha em que o valor militar de Condylis, ministro da guerra, se evidenciou, os revoltosos da Macedónia foram destróçados. Creta rendeu-se pouco depois e Venizelos procurou refúgio em território italiano. Em cima, o conhecido político, à direita, as belas ruínas do Partenon, que dominam Atenas.







E, depois, não custa nada experimentar.

Além, por exemplo, um produto que dizem ser muito eficaz na supressão das sardas.

Coze-se durante alguns minutos, em água, uma porção de cevadilha. Cõa-se depois por um pano fino. Junta-se um terço de água, um dedal de água de Colônia e algumas gotas de limão. Com o líquido obtido lava-se o rosto três ou quatro vezes por dia. Dizem que é radical. E não se pode dizer que seja uma receita difícil de pôr em prática.

Para restituir à pele a sua frescura tem também grande voga entre as senhoras elegantes da Grã-Bretanha a seguinte fórmula em que se concentram, segundo parece, algumas vitaminas muito convenientes ao rejuvenescimento da pele.

Esmague num passador algumas folhas de açafrão e rodela de pe-

Está muito espalhado nalguns países, sobretudo em Inglaterra, o costume das senhoras prepararem por suas próprias mãos os produtos de que se servem para a conservação da sua beleza. Certas escolas de *maquillage* do estrangeiro não se limitam a ensinar a maneira de empregar os produtos de beleza, mas também a fabricar alguns cremes de uso corrente.

É evidente que muitas pessoas serão de opinião que os Institutos de Beleza e os laboratórios químicos estão mais indicados para esse fim. Mas não deixa também de ser verdade que certas receitas simples, transmitidas de geração em geração, dão na prática os mais surpreendentes resultados.



pino. Ao sumo que se extrair junta-se um pouco de azeite e mistura-se tudo com uma quantidade igual de creme de lanolina.

Para limpar a *maquillage* dizem que é incomparável uma compressa de sumo de cenouras, previamente humedecida em álcool coitado com leite. Este produto limpa a pele removendo todas as substâncias que se tenham incrustado nos poros.

Se prepararmos a compressa da mesma maneira, mas substituímos o sumo de cenoura pelo de tomates, teremos um admirável tónico de epiderme.

Nos países do Norte, onde o frio é muito rigoroso, é também muito usado um feite de beleza composta de gema ovo batido com igual

# PÁGINAS FEMININAS

volume de leite cru e gelado. Humedecem-se as faces com esta mistura, dá-se tempo a que a pele absorva tão substanciais alimentos, e depois lava-se o rosto com água tépida adicionada de algumas gotas de tintura de benjoim.

É difícil dizer que parte cabe à superstição nestas receitas. Mas como a fé tem em todos os tratamentos um papel preponderante, parece-nos aconselhável que cada senhora use aquele que lhe merecer mais confiança.

## A Moda

Na moda da estação que agora começa destacam-se, pela sua variedade, os tecidos para vestidos primaveris de que os grandes costureiros apresentam uma numerosa colecção, cheia de bom gosto e originalidade.

Predominam os padrões escoceses que se apresentam em duas ou três cores, cuidadosamente escolhidas: verde escuro sobre fundo cinzento, azul real sobre *grege*, castanho sobre *beige* e cinzento *beige* sobre castanho avermelhado.

Damos um lindo modelo em *twerd*, muito próprio para viagem. Dum corte discreto e elegante, é simultaneamente leve e quente e está por isso indicado para uma época em que as variações bruscas de temperatura são frequentes.

Outra das nossas fotografias mostra um lindo traje de *sotrie* em setim branco, com aplicações de tule na cauda. Nas costas, um amplo decote sobre o qual se cruzam duas tiras de tecido, ligadas no centro por uma fileira de diamantes.

Ainda em vestidos de noite, damos dois modelos em que a sumptuosidade se harmoniza com a singeleza. O primeiro deles é em *taffeta* preto e marca pela originalidade no desenho da cauda e dos tufo sobre os ombros. O segundo, em *moiré*, é também de requintado gosto e constituirá por certo um triunfo para senhora que o usar em qualquer festa mundana.

Mas é nos chapéus que a moda nos oferece maior variedade e mais vasto campo à fantasia e gostos pessoais.

Cumpre assinalar uma tímida tentativa para o



ressurgimento das plumas, há tanto tempo esquecidas pelos ditadores da moda. Reproduzimos nestas páginas um modelo em *taffeta* preto guarnecido com uma pluma de avestruz, do interior da qual saem outras plumas pretas e brancas, do mais imprevisível efeito. É este, com a certeza, o primeiro passo para as plumas vol-



tarem a ocupar o lugar que lhe compete na *toilette* feminina.

Uma novidade que decerto agradará é a palha em negro brilhante que os fabricantes apresentam com o nome de *liquorie*. Um modelo feito



com esta palha é o que reproduz duas orelhas de coelho e que se recomenda pela sua originalidade.

Há chapéus que contribuem poderosamente para realçar a juventude e alegria dum lindo rosto. Está nesses casos o lindo tricrónico veneziano, em setim preto com véu, que aqui deixamos reproduzido.

Para a tarde é muito indicado o chapéu em veludo preto recortado, imitando pétalas, que o véu delicado completa com uma nota de subtil distinção.

E, porque os *taffetas* estão em voga, têm finalmente as senhoras que preferiam cores claras, um lindo modelo que, feito no mesmo tecido do vestido, em verde, cor de laranja ou amarelo, completará uma garrida *toilette*.

## Limpeza de bordados

Os bordados brancos novos estão em geral sujos quando se acabam, especialmente se o trabalho durou longo tempo. Para limpá-los passa-se por cima e por baixo do tecido sabão diluído e metem-se num recipiente com pouca água de modo que apenas fiquem cobertos. Expõe-se tudo ao sol durante cinco ou seis horas e faz-se depois ferver por espaço de alguns minutos; finalmente, enxagua-se em água à qual previamente se terá adicionado um pouco de anil.

## Valor nutritivo do açúcar

O açúcar tomado em quantidade moderada é útil como condimento para activar a digestão. Misturado com a água, o leite, o café, o vinho, o álcool, etc., proporciona boas bebidas refrigerantes e cordiais. As pessoas que receiem padecer de gota ou de arcias devem utilizar o açúcar com muita moderação. Os diabéticos devem abster-se em absoluto d'ele.

Experiências realizadas no exército alemão confirmaram que o uso do açúcar acalma a fome. Confirmaram também a sua eficácia contra a sede, tanto nos homens como nos cavalos, aumentando a energia muscular, diminuindo as pulsações do coração e dando maior força ao músculo cardíaco.

## Pensamentos

Não devemos iludir-nos: as dores contadas são acalmadas. Não será nunca no período agudo da sensação que seremos capazes de exprimi-las. É indispensável afastá-las e contemplá-las de longe, em perspectiva. Não nos descrevemos bem senão a curta distância da recordação. — *La Bruyère*.

A prova da verdadeira fé e a fineza do verdadeiro amor não é seguir ao sol quando ele se deixa ver claro e formoso, com toda a pompa dos seus raios, senão quando se nega aos olhos escondido e encoberto nas nuvens. — *P. António Vieira*.

Crer na fatalidade é criá-la e nós mesmos. — *G. Sand*.

A inconstância da mulher é uma das perfeições d'este planeta. — *Camilo C. Branco*.

Há poucas mulheres espirituosas que não tenham uma razão secreta para preferir uma idiota a um homem de espirito. — *A. Ricard*.

A mulher é um abismo, diz o santo abade Ruperto: e quem não for mais santo do que eu, há-de crer que a mulher é, pelo menos, três abismos. — *Camilo C. Branco*.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.<sup>a</sup> ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha.

APURAMENTOS

N.º 21

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO

N.º 21

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

OLEGNA

N.º 22

OUTRAS DISTINÇÕES

Efonsa, n.º 1; Magala n.ºs 9 e 20

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 23 pontos:

Frá-Diávolo, Cantente & C.<sup>a</sup>, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Salustiano, Rei-Luso, Alfa-Romeo, So-Na-Fer.

QUADRO DE MÉRITO

Lamas & Silva, 19. — Sonhador, 17 — Ti-Beado, 15 — João Tavares Pereira, 13

OUTROS DECIFRADORES

Aldeão, 10 — Lisbon Syl, 10

DECIFRAÇÕES

1 — Soa-Ada-soada. 2 — Faro-rofa-farofa. 3 — Zanga-ganos-zãnganos. 4 — Roda-viva. 5 — Baidado. 6 — Bastonada. 7 — Porfioso. 8 — Mui-muito. 9 — Crisco. 10. — Pesarosa. 11 — Pesada. 12 — Formica-fôrca. 13 — Moderno-mono. 14 — Teatro-tetro. 15 — Títtere-tire. 16 — Monarca-moca. 17 — Fâmula-fala. 18 — Fazenda-fada. 19 — Marta, farta, morta, manta, marca, marte. 20 — Quartaludo. 21 — Heliodoro. 22 — Não é de agora o mal que não melhora.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Portugal é um jardim para o qual Deus deu boa temperatura. (2-2) 3.

Lisboa Doridóflés (S. C. L.)

2) Vi assar numa fogueira uma ratazana para a ceia de um ladrão. (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado

NOVISSIMAS

3) Igual não! Alcoviteira... 1-1.

Lisboa Africanista (T. E. L.)

4) Um dos bandidos do rancho escarnecia ao ver aproximar-se um grande tumulto. 2-2.

Lisboa Antolino (S. C. L.)

5) A rêsilha e os hatiques têm boa «venda». 2-2.

Lisboa Augusta Vitória

(Interrogando o «Visconde da Relva»)

6) A fita, assim como o filete, foram postos sem descanso? 2-1-2.

Lisboa Lérias (T. E. — S. C. L.)

7) A podridão onde viveu certas criaturas toma muitas vezes um carácter deficiente. 2-1.

Lisboa Micles de Tricles (S. C. L.)

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 30

8) Esta ingrata chamou ignorante ao campeão. 1-2.

Lisboa Miúdo & Graúdo

9) Nesta ilha holandesa estudei o porco montês. 2-1.

Lisboa Neni

(Ao «El-Magritós»)

10) Se você continua com essa mudança de pseudónimos, embora em pequenas quantidades, vejo-me obrigado a julgá-lo um trapalhão. 2-2.

Lisboa Olho de Lince (T. E. L.)

11) Aquele homem guerreiro entrou na sua pátria depois de muito se maçar. 2-1.

Lisboa Rei Jhá

12) O chimpanzé é «um» animal que provoca o riso. 2-1.

Lisboa Reinadio

13) Fica no fundo de vasilha o sustento do beerrão. 1-1.

Luanda Ti-Beado

(Ao Micles pela segunda vez)

14) A tua arrogância é devida a seres «um» pouco orgulhoso. 2-1.

Lisboa Valério (S. C. L.)

(Ao novo mas audaz Antolino)

15) Deixa na miséria o dono de qualquer «animal» o vento noroeste prejudicial ao gado. 3-2.

Lisboa Vidalegre (S. C. L.)

SINCOPADAS

16) Uma mulher de mau génio e feia ensina-se com pancada... 3-2.

Lisboa Augusbello (T. M.)

17) Chapéus... altos há muitos; o que falta são cabeças! 3-2.

Lisboa Bismau (T. E. — S. C. L.)

TRABALHOS DESENHADOS

31) ENIGMA FIGURADO



18) Então, meu labrego, não sabes que é um mar interior? 3-2.

Lisboa Ferjobatos (T. E. L.)

19) O diabo examina atentamente toda a gente. 3-2.

Lisboa Júlio César

20) Uma nota de banco pode provocar uma desordem. 3-2.

Lisboa Lengueluca

21) O teu cão de gado é extraordinário! 3-2.

Lisboa Rei do Sêbo

22) Fica ao fundo da avenida, do lado esquerdo. 3-2.

Lisboa Só Darco (T. E.)

23) Quem faz partida gosta da dança espanhola. 3-2.

Luanda Ti-Beado

(Ao «Olho de Lince»)

24) Fíaco paladar! 3-2.

Lisboa V. Lílás (T. M.)

25) Os próprios deuses não podem impedir um «homem» de falhar o seu destino. 3-2.

Lisboa Veiga (T. E. L.)

26) O potentado ordena que degole o oficial. 3-2.

Lisboa Vidalegre (S. C. L.)

27) Que pena procura? 3-2.

Lisboa Vitor Pinto Pinheiro

28) Pus no pítio o vado pequeno. 3-2.

Lisboa Zé das Hóstias

TRABALHOS EM VERSO

NOVISSIMAS

29) «...Eva abusa demasiadamente da sua nudez para vencer o homem, quer no jogo, quer na vida, que é um jogo também.»

Júlio Dantas («As Inimizias do Homem»)

«...e o homem recia ser preterido: apa- vora-o a competidora.»

Sara Beirão («Primeiro de Janeiro»)

E entende Sua Excelência  
Que nós não temos razão?!  
Se nos fazemos concorrência  
Desde a tribuna ao balcão!...

Nós concorreremos aos mil  
Ao emprêgo mais modesto;  
Mas chega dama gentil?  
Temos «dansa»! É manifesto — 2

Que nós ficamos «chumbados»...  
Vale mais que nós valemos?  
Tem encantos, predicados,  
Que, infelizmente, não temos... — 2

Vence!... E, dum orgulho vão,  
Diz-se em tudo a nós igual...  
Esquece a nossa isenção!  
Soberba e ingrata rival!

Lisboa Braz Cadunha

SINCOPADA

(Sincera homenagem)

30) Venho agora aqui sublimar o feito  
Inda muito pouco homenageado  
Do charadista egrégio neste peito  
Audaz pelejador, sempre mui grado;  
Lévido em todo e em qualquer preceito  
Ele bem dirige dum modo atilado  
Gran Sociedade em que tomou a peito  
Ressuscitar a febre charadística,  
Empresa ardorosa, bela mística!...

Sigamos agora sem excepção,  
Confrades o exemplo granuoso,  
Lindo Estandarte da nossa função! — 3-2.

Lisboa Micles de Tricles (S. C. L.)

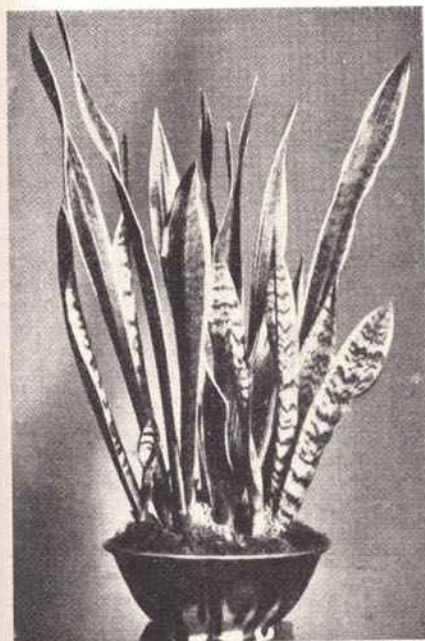
Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

# PLANTAS DECORATIVAS

**N**OSTÁLGICO da Natureza, de que a vida da cidade o apartou, o lisboeta nutre pelas plantas um verdadeiro carinho. Raras são as janelas onde se não vê espreitando pelas grades um esbôço de folhagem verde, as águas furtadas onde não se alinham vasos minúsculos, os saguões onde não vegetam caules estendidos na ânsia de apanhar um pouco de sol.

Este culto do lisboeta pela planta tem a sua melhor expressão no mangérico. Plebeu e modesto, quando chega Junho e as suas festas dos Santos Populares, tôdas as portas se lhe abrem. E o mangérico prodiga-se então em perfumes nos toscos vasos de barro da Praça da Figueira, como nos recipientes de prata de primorosos lavrados das montras dos ourives. Mas

decorativas o lugar que lhes cabe e que elas bem merecem pela sua incontestável beleza, como o provam os exemplares que ilustram esta página. Tôdas elas exigem certos cuidados. Mas sabem recompensá-los, dando à casa uma nota de alegria e frescura, que nunca se poderá obter com as abomináveis plantas de papel encerado.



*Uma folhagem torturada, que lembra vagens, e que se harmoniza com um «decor» moderno*



*A planta exuberante que se ajusta aos interiores sumptuosos*



*Por cima e à direita: Duas plantas do belo efeito e fácil cultivo*

as outras plantas — e tantas são — tiveram menos sorte. O snobismo, que nada respeita e é insensível às subtilezas do sentimento, expulsou-as do lar elegante, erradamente convencido de que elas não eram compatíveis com o estilo moderno.

É tempo de reparar essa injustiça. Dê-se às plantas



*Em cima: Folhas largas, orgulhosas que ficam bem num hall vasto e acolhedor*

*A direita: um desenho caprichoso de verde claro sobre verde escuro*





**A** PROXIMAMO-NOS da primavera e começa despertando a actividade em determinadas modalidades desportivas condenadas ao sono hibernal.

Está nestas condições o ciclismo, sem dúvida o mais popular desporto em Portugal depois do football, e aquele cujos azes maior popularidade conhecem no país. O meio agita-se, preparam-se os corredores, reforçam os clubes as suas equipas e desde já se conhecem transferências sensacionais, sendo do domínio público os "argumentos convincentes" empregados para desfazer escrúpulos e auxiliar os novos amores clubistas dos campeões cubiçados.

Claro é que todos eles continuam sendo amadores puros, sancionados pela benevolência da velha União Velocípédica, que já não tem idade para se meter em folias, e está à espera, para agir, que os corredores lhe venham espontaneamente declarar quando receberem dos novos patrões.

Esta situação falsa e imoral, deve ser tanto mais abertamente combatida quanto é certo que prejudica os progressos e a divulgação do ciclismo português, impedindo o contacto internacional dos nossos especialistas, que não podem pensar ir a França, — pois fica demasiado distante —, e não têm em Espanha provas destinadas a amadores, às quais possam concorrer.

A passagem a independentes dos melhores ciclistas portugueses é uma medida indispensável que eles próprios aceitariam com agrado e cujos resultados a todos beneficiavam. Há muito se fala nisso, mas ninguém sente a coragem de dar o primeiro passo.

Entretanto, os amadores portugueses, continuam a mudar de club como mudam de camisa, tudo por amor desinteressado, claro está! Para a próxima época estão decididos alguns trespasses sensacionais, sendo os mais importantes aqueles que se ligam com a criação duma nova colectividade em Ferreira do Alentejo, à qual parecem assegurados os serviços de Alfredo Trindade, César Luis e Joaquim de Sousa.

Enquanto não chega o período das provas em estrada, têm sido organizadas várias corridas de "cross" ciclo pedestre, excelente variante do desporto da bicicleta.

Deve-se a iniciativa a "Os Sports," e ao Benfica, sendo este o segundo ano de realização das provas do género, com animação relativa mas sem que hajam conseguido ainda captar a simpatia dos corredores consagrados. Os campeões desta época, Braz e Rainho, do Campo de Ourique, têm sido até agora duas individualidades apagadas nas competições estradistas, e não é crível supor que houvessem sofrido uma repentina metamorfose que os elevasse ao nível dos melhores.

É de lamentar este desinteresse, porque a corrida através campo é um admirável desporto, espectacular e duro, servindo para preparação dos corredores, dando-lhes resistência, decisão e coragem. Esperemos para o ano a presença nas competições de "cross", daqueles que não compreenderam ainda as vantagens que de tal lhes adviriam.

O Congresso Internacional Olímpico reuniu em Oslo, nos princípios deste mês, para resolver sobre vários assuntos importantes, dos quais o culminante era, sem dúvida, a indicação da cidade onde devem ter lugar os Jogos de 1940.

A primeira candidatura apresentada com quasi garantia de êxito foi a de Roma, e o seu triunfo chegou, em certo momento, a ser considerado como certo. Surgiu porém, há alguns meses um competidor perigoso na cidade de Tóquio que iniciou uma larga propagação no sentido de lhe ser concedida a organização dos jogos, visto coincidir o ano de sua realização com o comemorativo do milénario do império japonês.

Os delegados dos dois países no aréopago olímpico desenvolveram uma activa campanha a favor das suas pretensões, servindo-se o japonês do mesmo argumento que já fôra usado pelos Estados- Unidos para obter a preferência em 1932: a promessa de deslocação por sua conta de todos os atletas concorrentes, desde o país de origem até Tóquio, eliminando assim o grave obstáculo da distância e dos pesados encargos de viagem,

# QUINZENADESPORTIVA

## As indecisões do congresso de Oslo O campeonato das Ligas

que por certo pesaria em definitivo no voto de muitos congressistas.

Graças à interferência de influências diplomáticas, surgiu, semanas antes do Congresso, a possibilidade dum acôrdo conciliatório, desistindo Roma voluntariamente da sua candidatura a favor de Tóquio, desde que lhe fôsse assegurada formalmente a atribuição dos Jogos de 1944. A coisa era talvez possível se Lausana, a cidade suíça que é sede oficial do Comité Olímpico Internacional, não apresentasse os seus direitos à organização desses jogos que correspondem ao cinquentenário da criação do Olimpismo Moderno.

Este facto destruiu a realidade de êxito do acôrdo italo-japonês e fez surgir uma terceira candidatura que se apresentou um pouco no papel do "tertius gaudet": a de Helsingfors, capital da Finlândia, nação cujos atletas tantos louros têm colhido nas últimas competições olímpicas.

Em tais condições se apresentava o problema aos congressistas de Oslo, cujo voto decidiria um pleito melindroso e fatalmente destinado a provocar desconforto e reservas. A solução preferida foi a mais habil e a mais comoda, relegando a indicação definitiva para o congresso do ano próximo, em Berlim, á espera da acção conciliatória do tempo e de sempre possíveis mudanças de opinião.

Este critério de esquivia ás responsabilidades definitivas foi, de resto, uma característica geral do Congresso que sobre um outro ponto difícil da ordem de trabalhos agiu de idêntica maneira. Tratava-se da unificação da definição de amadorismo, havendo a apreciar o relatório apresentado pela comissão especial das federações internacionais.

O C. O. I. limitou-se a ouvir e tomar conhecimento, que era afinal a única solução plausível perante a estranha inconsistência dos argumentos aduzidos pelos relatores.

O pensamento dominante desse documento, que merece ser apontado como exemplo frisante da impossibilidade de estabelecer sobre o assunto amadorismo um juízo concreto, afirma que o facto de receber dinheiro não é, "á priori", um crime de profissionalismo. O crime começa a partir do momento em que desparte o espirito de lucro. "O facto exclusivo de receber dinheiro, diz textualmente o relatório, não basta como pedra de toque. O que tem uma importância capital é o facto de realizar ou a possibilidade de realizar um benefício, isto é, o espirito de lucro".

A comissão pretendia, assim, circun-

dando o obstáculo, salvaguardar os direitos dos atiradores, cavaleiros e praticantes da vela, os quais poderiam continuar recebendo prémios em dinheiro desde que demonstrassem que as despesas a seu cargo eram nitidamente superiores ao total das verbas atribuídas.

A nitidez desta diferença parece um tanto difícil de estabelecer e não se compreende por que motivo a excepção se abre para estas modalidades e não abrange também o tennis, ou os grandes campeonos do atletismo e natação, cujo treino intenso e constante obriga a sacrifícios reais.

A comissão limitava ainda o tempo máximo das deslocações ao estrangeiro a vinte e um dias por ano desportivo, não entrando em conta com o tempo perdido em viagens.

Finalmente, a indemnização por salários perdidos é considerada uma medida excepcional, e que em quaisquer casos deve ser radicalmente proibida quando pareça trazer como resultado o abandono do trabalho por um operário ou empregado durante um prazo incompatível com o exercicio normal da profissão. Todas estas palavras, já de si vagas, perdem em absoluto significação concreta com a ressalva posterior admitida no relatório em referência aos países onde o desporto é dirigido pelo Estado, e tolerando que um atleta possa ser internado num campo de treino.

A comissão acrescentava: "é de presumir que neste caso o Estado cuide das famílias dos atletas, de maneira que



As nadadoras inglesas não se assustam com o frio; aqui está de exemplo, tomando o seu banho numa piscina cuja superfície o gelo havia coberto.

elas se não vejam privadas de meios pelo facto do seu internamento.

Conclui-se em resumo, da apreciação deste trabalho, que parece ser impossível encontrar uma lei de amadorismo rigorosa e em que a prática confirme a teoria; pretendeu-se estabelecer uma definição única de amador que servisse para todas as federações, mas, de excepção em excepção, nada se conseguiu resolver. Os potentados olímpicos, acorrentados a um tradicionalismo de princípios, inegavelmente cheios de nobreza, esquecem contudo a evolução dos tempos e por isso conservam uma deliciosa mentira no seu rigor de conceito sobre amadorismo, no qual em verdade ninguém crê, talvez nem eles próprios.

Terminou a primeira volta do Campeonato das Ligas, em football, organizado este ano pela primeira vez em Portugal e considerado por muita gente como uma arrojada experiência.

Embora estejamos longe do fim, pode desde já afirmar-se que a iniciativa alcançou um apreciável êxito desportivo e financeiro, conquistando o interesse do público e a simpatia das colectividades participantes.

A prova reservada aos melhores grupos conserva todo o seu entusiasmo na incerteza do resultado final, pois Belenenses e F. C. do Porto caminham a par

a meio percurso, e não é fácil prever qual dos dois levará a melhor.

Os restantes competidores vão sensivelmente distanciados, não sendo plausível encorar a probabilidade de triunfo pela sua parte, embora os três pontos de atraso do Sporting e do Vitória também não bastem para eliminar a possibilidade duma surpresa.

Nos vários grupos que compõem a segunda Liga, e nos quais tomaram parte os representantes de toda a provincia em competição com as equipas lisboetas e portuenses de segundo plano, a superioridade destas últimas afirmou-se em absoluto chamando a si todos os primeiros lugares dos torneios que disputaram e classificando-se assim para o próximo campeonato nacional.

Salgueiros, Coimbrões, Leixões, Boavista, Casa Pia, Barreirense, Carcavelinhos e Olhanense foram os oito apurados para prosseguir na prova, mas alguns dos concorrentes eliminados demonstraram um valor apreciável e muito devem ter aproveitado com o contacto agora estabelecido com adversários dos grandes centros.

Consideramos este um dos factores mais importantes dos Campeonatos de Liga, cuja influencia no progresso do football português se deve rapidamente fazer sentir, despertando interesses adormecidos e proporcionando aos clubs menos favorecidos pela distancia a que se encontram dos grandes centros uma oportunidade magnifica de contacto com os melhores e uma finalidade para os seus esforços de preparação.

Em nosso entender, este facto basta para justificar a organização dos Campeonatos das Ligas.

Salazar Carreira.



**Palavras cruzadas**

(Passatempo)

1	5	6	7					35	39	40	41	42
2								27	30			36
3								28				37
4				12				29		16		38
		8		13				14		17		
		9									18	
		10										
23			11						15			47
19	24							31	34			43
20		25						32				44
21			26					33				45
22									46			

**Horizontais:**

1 — Habitar. 2 — Habituei. 3 — Parente. 4 — Mistura gazosa. 8 — 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do indicativo presente verbo 1.<sup>a</sup> conjugação. 9 — Sobriedade. 10 — Instigado. 11 — Nada, nada, nada. 14 — Serpente. 15 — Amarra. 19 — Verbo da 3.<sup>a</sup> conjugação. 20 — Que tu partas. 21 — Arcos, anéis. 22 — Nome masculino. 27 — Nociva, perversa. 28 — Mistura de oxigênio e azoto. 29 — Apelido. 31 — Letra grega. 32 — Artigo definido. 33 — Isolado. 35 — Feixes de flores. 36 — Profeta. 37 — Bebida alcoólica. 38 — Apelido. 43 — Nociva. 44 — Afirmação. 45 — Ave. 46 — Ilha grega.

**Verticais:**

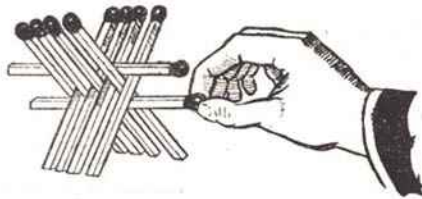
1 — Bosques. 5 — Cidade oriental. 6 — Curso de água. 7 — Expressão moderna para designar um homem notável. 9 — Segmento de membro. 8 — Acontecimento. 12 — Semi-adormecimento. 13 — Folga, descanso. 14 — Órgão do aparelho digestivo. 16 — Peça musical. 17 — Nome feminino. 18 — Contração preposição e artigo. 23 — Verbo que exprime a voz dum animal selvagem. 24 — Involgar. 25 — Ruído. 26 — Apelido. 27 — Advérbio. 30 — Pedra benta do altar. 31 — Advérbio. 34 — Costume. 39 — Mistura gazosa. 40 — Oceano. 41 — Granada de grosso calibre. 42 — Nome masculino. 43 — Fábula, utopia. 44 — Ente. 45 — Utensílio. 47 — Animais silvestres.



**Os dez fósforos**

(Paciência)

Peguem em dez fósforos e perguntem a outra pessoa se, com o décimo fósforo é capaz de levantar os outros nove. Eis como se faz a habilidade. Coloca-se um fósforo sobre uma mesa e



deitam-se os outros oito atravessados em cima dele, alternadamente, com as cabeças para o lado de dentro. Põe-se o último fósforo, por cima, onde os outros se cruzam e agarrando no primeiro, levanta-se devagarinho. A gravura torna a explicação mais clara.

**Coincidências históricas**

Carlos Magno morreu no dia 31 de Março do ano 814; Napoleão I foi destronado no dia 31 de Março de 1814.

Isto é, os dois maiores conquistadores da Europa, os dois imperadores que tiveram nesse continente mais domínio, desapareceram do poder justamente a mil anos de intervalo.

**Coisas da América**

Observa-se em New-York um facto curioso. Os moradores dos últimos andares dos colossais arranha-céus com cem, duzentos e até trescentos metros de altura gozam, diariamente, mais meia hora suplementar de sol.

Quando éste, à tarde, desaparece por trás das colinas situadas a oeste do rio Hudson, quem observa a cidade desse lado vê um limite de sombra bem nítida dividindo a fachada dos enormes edificios, nos quais os andares inferiores já precisam de luz artificial e os superiores estão ainda fortemente iluminados pelo sol.

Verificou-se que a sombra leva vinte minutos para subir do solo ao pináculo do Wolworth Building, que tem duzentos e trinta e oito metros de altura.

**Xadrez**

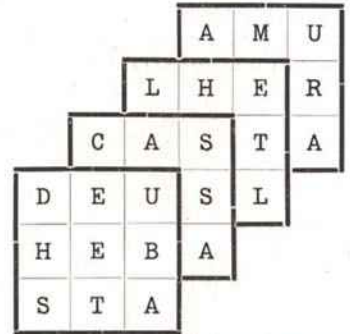
(Solução)

1 D — 4 T R      2 B — 5 C D +  
 C × T              M.  
 . . . . .              P = C +  
 R — 2 D              M.  
 . . . . .              D — 4 T D +  
 C × B                M.  
 . . . . .              D × B +  
 B × P                M.

**Encontrar um provérbio**

(Solução)

Sobrepondo os quatro quadrados uns aos outros, pela ordem e pelo modo como o diagrama representa, há-de lêr-se o seguinte provérbio: *À mulher casta Deus lhe basta.*



**Bridge**

(Problema)

Espadas — A., 2.  
 Copas — — — — —.  
 Ouros — A., V., 2.  
 Paus — A., 2.

Espadas — 7, 6.      N      Espadas — R., D., V.  
 Copas — — — — —.      O      Copas — — — — —.  
 Ouros — R., 10, 3.      E      Ouros — D.  
 Paus — 9, 7.              S      Paus — R., D., V.

Espadas — 8, 5.  
 Copas — 4, 3, 2.  
 Ouros — — — — —.  
 Paus — 8, 5.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer sete vasas.

(Solução do número anterior)

S joga a Dama de ouros, N corta com o valete e joga o seis de trunfo para fazer com que S apanhe os dois trunfos de E. Se O tiver guardado três cartas de espadas, N guarda duas de espadas e duas de paus e então S dará a mão a O por meio duns paus.

Mas se O tiver guardado duas cartas de paus, N conservará apenas uma de paus e S dá a mão a E com a carta pequena de ouros.

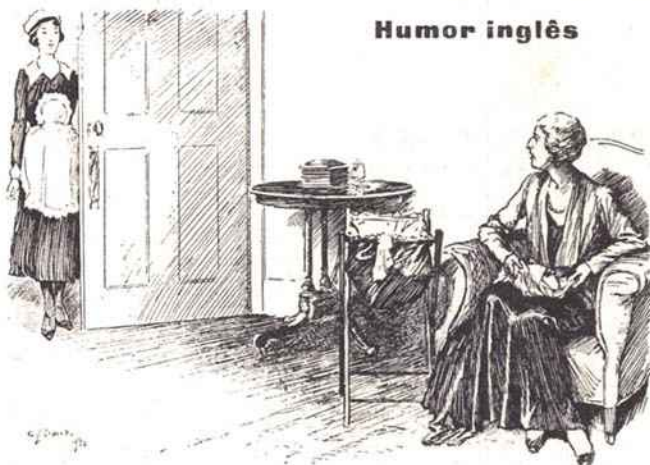
Destá maneira, N fará três vasas de espadas.

**Razão inesperada**

Em uma das corridas de cavalos dos começos de 1934, em Paris, foi anulada u na aposta por uma causa absolutamente inédita nos anais do Turf. O jockey, pesado logo após a corrida, pesava duzentas grammas menos do que antes lhe explicou: Após a primeira pesagem quasi no momento do starter dar o sinal para a partida, fôra acometido por uma colica irresistível.

Mas o regulamento é sagrado e a aposta ficou nula.

**Humor inglês**



— A campainha só tocou uma vez, minha senhora.  
 — Está bem; daqui em diante, quando eu a tocar e ela se não ouça, quero que venha avisar-me, sim?

(Do «Punch»)

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTÁVEIS

## CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

## MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

### O MESTRE POPULAR

OU

### O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. Eu. .... Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

SUCESSO DE LIVRARIA

# O homem dos mil segredos

ROMANCE

DE

ROCHA JUNIOR

1 vol. de 232 págs., com capa a  
côres de Stuart, broch. .... **10\$00**

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

# Minerva Central

## LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante  
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as  
principais casas editoras de ESPANHA,  
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,  
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"  
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros  
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques  
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

### PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório  
dos melhores fabricantes europeus e americanos

### TIPOGRAFIA, ENCADENAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

**LOURENÇO MARQUES**

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

### VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

FOR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»  
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme  
a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia  
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

## Obras de BLASCO IBAÑEZ

<b>A adega</b> , tradução de E. Sousa Costa — 1 vol. de 342 págs., brochado . . . . .	10\$00
<b>A catedral</b> , tradução de Vasco Valdez — 1 vol. de 338 págs., brochado . . . . .	10\$00
<b>Cortesã de Sagunto</b> , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 332 págs., brochado . . . . .	10\$00
<b>Por entre laranjeiras</b> , romance, tradução de Morais Rosa — 1 vol. de 290 págs., brochado . . . . .	10\$00
<b>Flor de Maio</b> , romance, tradução de Joaquim dos Anjos e Mário Salgueiro — 1 vol. de 206 págs., brochado . . . . .	10\$00
<b>Jesuítas</b> , sensacional romance, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 340 págs., brochado . . . . .	10\$00
<b>Os mortos mandam</b> , novela, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 324 págs., brochado . . . . .	10\$00
<b>Oriente</b> , tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 256 págs., brochado . . . . .	10\$00
<b>No país da Arte</b> , tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 274 págs., brochado . . . . .	10\$00
<b>Terras malditas</b> , tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 234 págs., brochado . . . . .	10\$00
<b>Touros de morte</b> , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 384 págs., brochado . . . . .	10\$00

*Estas obras encadernadas em percalina com ferros especiais, cada volume . . . . .* 15\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças  
— Sports — Humorismo  
— Música — Política — T. S. F. —  
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

*Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les Enfants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots — Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's Ladies Journal — The Lady Fashion Book — Die Dame*, etc.

**JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS**

Accitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

## Almanaque Bertrand

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

*Único no seu género*

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas.

Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

**Encontra-se á venda em tódas as livrarias**

Um grosso volume de 384 págs., ornado de 524 gravuras, cartonado . . . . .	10\$00
Encadernado luxuosamente . . . . .	18\$00

Pelo correio á cobrança, mais 2\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

## LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

5 volumes de formato 18x28 com um total de 2.038 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

**Esc. 30\$00** — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

**6\$00**

Deposítária:  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS  
POR  
**ISALITA**

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**ACABA DE SAÍR:**

J. M. FERREIRA DO AMARAL

**O PARAÍSO BOLCHEVISTA  
E... A MENTIRA****UMA VIAGEM À RUSSIA**1 volume de 230 páginas, brochado . . . . . **Esc. 10\$00**Pelo correio à cobrança **11\$50***Livro destinado a grande sucesso*Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** - 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA**IMPORTANTES OBRAS**

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

<b>AMBIÇÃO DUM REI</b> — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. 3 vols. de 700 págs., cada, formato 28x19, broc. ....	45\$00	<b>HOLANDA</b> — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc. ....	10\$00
<b>DRAMA DE AFRICA</b> — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs. cada um, e 21 grav. broc. ....	30\$00	<b>MELRO BRANCO</b> — aventuras de terra e mar, por <i>Julio Berrill</i> , ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de <i>Júlio Verne</i> . 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
<b>DRAMAS DA ESPADA</b> — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc. ...	30\$00	<b>NO TEATRO E NA SALA</b> — por <i>Guiomar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc. ....	10\$00
<b>EXILADOS DA TERRA</b> — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de Rhadameh; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de <i>Jorge Roux</i> , 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas côres; formato 28x19 .....	25\$00	<b>OS QUARENTA E SETE CAPITÃES</b> — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de Ribeiro de Carvalho, 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a côres, broc. ....	10\$00
<b>HANIA</b> — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc. ....	4\$00	<b>RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL</b> — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs. cada e 134 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc. ....	45\$00
<b>HENRIQUETA</b> — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de <i>Guiomar Torrezão</i> , 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	<b>SEM DOGMA</b> — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de <i>Eduardo Noronha</i> , 2 vols. de 220 págs. cada, broc. ....	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cêrca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** - 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



# OBRAS DE IULIO DANTAS

## PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ....	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	10\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	12\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	1\$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	8\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	12\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	10\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confere- ências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	8\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confere- ência), 1 fol. ....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ....	2\$00
	1\$50

## POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

## TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ....	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ....	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ....	8\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	2\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ....	6\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

### Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL  
Rua da Condessa, 80—LISBOA  
OU À LIVRARIA BERTRAND  
Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

A obra mais luxuosa e artística  
dos últimos tempos em Portugal

# HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção  
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século xviii. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, Antónnio Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luis Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00  
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75—LISBOA



# O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis  
organizada por um grupo de professores e homens de letras

**ACABA DE SAÍR**

a 2.<sup>a</sup> edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

## O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,  
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

## O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável,  
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

# A insónia

## Rouba o encanto e a beleza



# A OVOMALTINE

## assegura-lhe um sono natural

O maior inimigo da beleza é a insónia. O seu espelho cêdo reflete o resultado do cansaço de noites perturbadas; os olhos perdem o brilho, o rosto enche-se de rugas e perde a frescura da saúde.

Lembre-se de que um sono saudável é essencial para manter o seu perfeito equilíbrio físico, do qual depende o seu bom parecer, o seu encanto e vivacidade. E o meio mais seguro para produzir um sono natural e reparador é tomar a deliciosa Ovomaltine todas as noites.

Longas experiências tem provado, e uma enorme quantidade de testemunhos espontâneos confirmam, que a Ovomaltine é a melhor bebida alimentar para assegurar um sono tranquilo. Fornece em abundância os elementos restauradores para acalmar os nervos e o cérebro e rapidamente produz um sono profundo e restaurador, do qual se acorda no dia seguinte cheio de energia e vitalidade, sentindo-se mais bem disposta e de melhor parecer.

Há só uma Ovomaltine, nada há que a substi-

tua. Tem-se tentado, muitas vezes, imitá-la, mas há sempre diferenças importantíssimas:

*A Ovomaltine não contém açúcar comum para diminuir o preço em prejuízo da qualidade. Ovomaltine não é uma farinha nem uma simples mistura. Não contém chocolate nem uma grande percentagem de cacau.*

Cientificamente preparada dos melhores alimentos que a natureza nos oferece: leite, malte e ovos, a Ovomaltine contém todos os elementos necessários para o desenvolvimento do corpo, do cérebro e dos nervos.

Por todas estas razões a Ovomaltine marca, por si só, um lugar — é a melhor bebida alimentar e a mais largamente consumida em todo o mundo.

Qualidade acima de tudo! Exija

# OVOMALTINE

À venda em todas as farmácias, drogas e mercearias em latas de Esc 9550, 18500 e 34500

DR. A. WANDER, S. A. BERNE

Único concessionário para Portugal

ALVES & C. (Irmãos) - RUA DOS CORREIROS, 41-2. - LISBOA